



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

LUCAS DE ALMEIDA MODESTO

**“GORDURA NÃO É COISA DE MACHO”: REVERBERAÇÕES DA GORDOFOBIA
NAS MASCULINIDADES DE HOMENS GORDOS**

**BELÉM - PA
2024**

LUCAS DE ALMEIDA MODESTO

**“GORDURA NÃO É COISA DE MACHO”: REVERBERAÇÕES DA GORDOFOBIA
NAS MASCULINIDADES DE HOMENS GORDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como parte dos requisitos necessários para obtenção de título de Mestre em Psicologia.
Linha de pesquisa; Psicologia, sociedade e saúde.

Orientador: Prof. Dr. Eric Campos Alvarenga
Coorientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Chaves Lima

BELÉM - PA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M691 Modesto, Lucas de Almeida.
“GORDURA NÃO É COISA DE MACHO”:
REVERBERAÇÕES DA GORDOFOBIA NAS
MASCULINIDADES DE HOMENS GORDOS / Lucas de
Almeida Modesto. — 2024.
95 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Eric Campos Alvarenga
Coorientação: Profª. Dra. Maria Lúcia Chaves Lima
Dissertação (Mestrado) -
Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Psicologia, Belém, 2024.

1. Gordofobia; . 2. Masculinidades; . 3.
Interseccionalidade.. I. Título.

CDD 150

LUCAS DE ALMEIDA MODESTO

**“GORDURA NÃO É COISA DE MACHO”: REVERBERAÇÕES DA GORDOFOBIA
NAS MASCULINIDADES DE HOMENS GORDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como parte dos requisitos necessários para obtenção de título de Mestre em Psicologia.
Linha de pesquisa: Psicologia, sociedade e saúde.

Orientador: Prof. Dr. Eric Campos Alvarenga
Coorientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Chaves Lima

Data de aprovação: ___/___/_____

Conceito: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eric Campos Alvarenga
(Orientador – UFPA/IFCH/PPGP)

Profa. Dra. Maria Lúcia Chaves Lima
(Coorientadora – UFPA/IFCH/PPGP)

Prof. Dr. José Alves de Souza Filho
(Membro – UFPA/IFCH/PPGP)

Prof. Dra. Maria Luisa Jimenez-Jimenez
(Membro – UFRJ)

BELÉM - PA
2024

Este trabalho é dedicado em memória de Vitor Augusto: homem preto e gordo, de 25 anos, que foi morto pela negligência de um Estado gordofóbico. “Aguardamos pelo novo tempo que está por vir”. #justicapelovitoraugusto

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Universidade Federal do Pará (UFPA) através do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) que me tornaram um profissional mais qualificado. Ao meu orientador Eric Alvarenga e minha Coorientadora Maria Lúcia Lima que formaram um equilíbrio perfeito ao me orientar, pelos quais tenho profunda admiração, por quem são e, sobretudo, pela forma respeitosa como trataram minhas fragilidades e potencialidades na pesquisa.

Aos interlocutores que voluntariamente dedicaram seu tempo e abriram suas vidas para contribuir a esta pesquisa, sem os quais esta não seria possível.

Agradeço ao Centro Universitário Metropolitana da Amazônia (UNIFAMAZ) pelo incentivo a área acadêmica e a pesquisa desde a graduação. À grandes mestras que tive desde lá, que me inspiraram a continuar na trajetória acadêmica: Profa. Dra. Ana Carolina Secco e Profa. Me. Gabriela Ribeiro, e em nome delas estendo o agradecimento a todos(as) os(as) professores(as) que tive na vida, dada a importância dessa profissão para formação de profissionais e melhores seres humanos.

Agradeço ao @pesquisagorda por me proporcionar encontros com pesquisadores(as), como Renata Argolo e outras que renovaram minhas ideias nos momentos em que mais estive “travado” na escrita, assim como me propiciaram um acervo que embasou boa parte do meu referencial teórico e repertório acadêmico.

Ao secretário municipal de saúde de Marituba Alexandre Bonfim e a prefeita Patrícia Alencar, por ter me permitido atuar em meu município assim que formei, abrindo concessões indispensáveis para que pudesse continuar no mestrado. Às colegas de trabalho Mayara, Angélica, Carol, Janilde, Jéssica e Rayana que se tornaram amigas para a vida e sempre me incentivaram a persistir.

Aos colegas de faculdade, que se tornaram amigos do coração, Izandra, Eduarda, Henrique, Adriel e outros que mesmo após a graduação se fizeram presente e me auxiliaram com válvulas de escape para suportar a solitária pós-graduação. Aos amigos do coração, que se tornaram família: Wellyson, Gabriel, Bia e Sylvana, que em minha vida são, respectivamente, como irmãos e mãe, mesmo que sem consanguinidade, por puros laços de afeto. À minhas queridas Mayra e Luana por terem me dado o suporte espiritual necessário para que eu conseguisse perseverar.

À minha família sanguínea que nunca mediu esforços para me proporcionar acesso à educação, desde a infância. Luís, Andréia, Lorena e Luanna, sem vocês nada disso seria possível.

Agradeço ao Pai das luzes por ter iluminado meu trilhar para que eu chegasse até aqui!

“homens gordos são uma questão feminista e merecem consideração e investigação – não para negar o privilégio masculino (*que os homens gordos possuem*), mas para interrogar as formas como os corpos dos homens gordos são construídos culturalmente”

(TOVAR, 2013, s/p. tradução nossa).

RESUMO

A gordofobia é uma forma de violência interseccional, estrutural, cultural e institucionalizada que atinge pessoas gordas, discriminando e hostilizando seus corpos. Está presente em diversos cenários e ancora-se em saberes patologizantes, historicamente determinados, utilizando-se de discursos de saúde e beleza na mídia, na indústria de cosméticos, fármacos e procedimentos que podem “curar” um corpo que foi “adoecido” pelo estigma social causado por este suposto saber. Elenca-se que a maioria das produções que questionam a gordofobia foram produzidas por e sobre mulheres gordas, havendo assim a necessidade de incluir o público masculino neste debate, uma vez que estes também são atravessados de distintas formas pela gordofobia. Uma dessas formas é no aspecto da masculinidade, considerando as formas plurais que homens são subjetivados no Brasil. Investiguei como esses processos podem ser gordofóbicos, tendo em vista, que a “masculinidade hegemônica” tem um padrão de corpo atlético e musculoso, sendo para esta a gordura um atributo de feminilidade. Dessa forma, homens gordos passam a ter sua masculinidade colocada à prova por possuírem em excesso o que o “homem de sucesso” busca eliminar”. Utilizo uma epistemologia de autores(as) que estudam as masculinidades de forma plural e sob viés feminista e lanço mão dos estudos transdisciplinares das corporalidades gordas. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo analisar como a gordofobia afeta as masculinidades de homens gordos na região metropolitana de Belém. Trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa que através de entrevistas semiestruturadas visa produzir informações que possam ser analisadas a partir da análise de conteúdo, a fim alcançar os objetivos propostos. Participaram da pesquisa 9 homens com idades entre 20 e 37 anos. A partir da análise de conteúdo surgiram três categorias, tais quais: “É mais fácil falar sobre ser gordo do que sobre ser homem” onde discuto acerca dos processos de subjetivação dos homens gordos a partir do corpo, dos esportes e da cisheterossexualidade compulsória; “É basicamente igual roupa, pode não ser a que você gosta, mas você tem que levar”, em que trato a respeito do preterimento amoroso e da fetichização que homens gordos vivenciam devido à gordofobia e “É o meu corpo, é o que eu tenho!” em que disserto sobre as formas de sofrimento e enfrentamento vivenciadas por homens gordos. Por fim, esta pesquisa se propõe a suscitar em homens gordos a necessidade de unir-se às discussões e ao movimento antigordofobia, ademais, também elucidada a necessidade de pesquisas futuras com homens gordos cisheterossexuais, visto que somente um dos participantes se identifica dessa forma, assim algumas questões não puderam ser alcançadas sobre essa especificidade, mas salientaram possíveis idiosincrasias.

Palavras-chaves: Gordofobia; Masculinidades; Interseccionalidade

ABSTRACT

Fatphobia is a form of intersectional, structural, cultural and institutionalized violence that affects fat people, discriminating against and harassing their bodies. It is present in different scenarios and is anchored in historically determined pathologizing knowledge, using health and beauty discourses in the media, in the cosmetics industry, pharmaceuticals and procedures that can “cure” a body that has been “sickened” by stigma social caused by this supposed knowledge. It is noted that the majority of productions that question fatphobia were produced by and about fat women, thus there is a need to include the male audience in this debate, since they are also affected by fatphobia in different ways. One of these ways is in the aspect of masculinity, considering the plural ways in which men are subjectivized in Brazil, I investigated how these processes can be fatphobic, considering that hegemonic masculinity has an athletic and muscular body pattern, with fat being an attribute of femininity. In this way, fat men start to have their masculinity put to the test because they possess in excess what the “successful man” seeks to eliminate.” I use an epistemology of authors who study masculinities in a plural way and from a feminist perspective and make use of transdisciplinary studies of fat corporalities. In this sense, this work aims to analyze how fatphobia affects the masculinities of fat men in the metropolitan region of Belém. It is a field research, with a qualitative approach that, through semi-structured interviews, aims to produce information that can be analyzed based on content analysis, in order to answer the proposed objectives. Nine men aged between 20 and 37 participated in the research. From the content analysis, three categories emerged, such as: “It is easier to talk about being fat than about being a man” where I discuss the processes of subjectivation of fat men based on the body, sports and compulsory cisheterosexuality; “It's basically the same outfit, it may not be what you like, but you have to wear it”, in which I talk about the love neglect and fetishization that fat men experience due to fatphobia and “It's my body, it's what I I have!” in which I talk about the forms of suffering and coping experienced by fat men. Finally, this research aims to raise the need for fat men to join the discussions and the anti-fatphobia movement, in addition, it also elucidates the need for future research with cisheterosexual fat men, since only one of the participants identifies in this way, thus, some questions could not be reached regarding this specificity, but highlighted possible idiosyncrasies.

Keywords: Fatphobia; Masculinities; Intersectionality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Perfil Sociodemográfico dos Participantes.....	47
--	----

LISTA DE SIGLAS

ABESO	Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndromes Metabólicas
IMC	Índice de Massa Corporal
NAAFA	<i>National Association for Fat Acceptance</i>
OMS	Organização Mundial de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
VIGITEL	Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2 “PORQUE DENTRO DA SOCIEDADE A GENTE NÃO NORMALIZA ESSE TIPO DE CORPO”: ALGUMAS QUESTÕES REFERENTES A GORDOFOBIA	17
3 “SER HOMEM É SÓ UM TÍTULO”: CONTRIBUIÇÕES A RESPEITO DAS MASCULIDADES.....	28
3.1 A sexualidade masculina	31
3.2 O corpo masculino.....	34
4 PERCURSO METODOLÓGICO	40
4.1 Questões éticas em pesquisas com seres humanos	41
4.2 Participantes	41
4.3 Procedimentos para produção de informações	42
4.4 Análise do material	44
5 “É MAIS FÁCIL FALAR SOBRE SER GORDO DO QUE SOBRE SER HOMEM”	46
5.1 “Você deveria usar sutiã”: a “feminização” do homem gordo	48
5.2 “Sua barriga tá balançando”: uma questão sobre homens, esportes e gordura	50
5.3 “Gordo viado”: questões interseccionais e violências cruzadas.....	52
6 “É BASICAMENTE IGUAL ROUPA, PODE NÃO SER A QUE VOCÊ GOSTA, MAS VOCÊ TEM QUE LEVAR”: SOBRE A SEXUALIDADE DE HOMENS GORDOS.....	55
6.1 “Não, não gosto do seu tipo”: a gordofobia e o preterimento amoroso.....	55
6.2 “Mesmo tendo adoração, é tudo no off”: a fetichização de homens gordos.....	60
7 “É O MEU CORPO! É O QUE EU TENHO”: FORMAS DE SOFRIMENTO E DE ENFRENTAMENTOS À GORDOFOBIA	63
7.1 A gordofobia e a produção de sofrimento.....	63
7.2 Formas de enfrentamento, estratégias de sobrevivência ou mais sofrimento?	65
7.3 Comunidade urso: enfrentamento ou sofrimento?	69
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	86
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	88

INTRODUÇÃO

A necessidade de estudar esta temática me atravessa primeiramente de forma pessoal, enquanto homem gordo que sou e pelas incontáveis vezes que minha masculinidade foi colocada em voga pela forma e peso do meu corpo. Em seguida me atravessa de forma acadêmica, como pesquisador gordo, venho pesquisando desde a graduação acerca da gordofobia e suas reverberações, bem como, participando de grupos de estudos acerca de masculinidades, gênero e saúde.

Sim! sou afetado por esta pesquisa, no mesmo sentido que Favret-Saad (2012), fora “enfeitiçada” por sua pesquisa no campo, o que a levou a reconhecer suas razões para tê-lo escolhido. Assim também, preciso reconhecer, as afetações enquanto homem gordo, bissexual, de masculinidade periférica (Este termo será explicado no capítulo sobre masculinidades) que me fizeram pesquisar sobre gordofobia e masculinidades. Essas pautas serão ouvidas deste lugar, tendo a possibilidade de ouvir homens gordos, de outras raças, orientações sexuais, classes sociais e localizações geográficas diferentes da minha, o que pode ser enriquecedor na produção de informações pertinentes à temática.

No Brasil existem duas correntes que pesquisam o corpo gordo: uma sobre os estudos da “obesidade” que consideram o corpo gordo um corpo doente, como os manuais da Associação Brasileira dos Estudos da Obesidade e Síndromes Metabólicas (ABESO); a outra sobre os estudos transdisciplinares das corporalidades gordas (Jimenez-Jimenez *et al*, 2022), no qual se localiza esta pesquisa. Por isso, utilizarei aspas todas as vezes que o termo “obesidade” ou “sobrepeso” surgirem, visto que se trata de uma classificação patologizante que geralmente é utilizada pela outra vertente, mas que utilizo em alguns momentos para problematizá-lo.

Meu encontro com os estudos não patologizantes das corporalidades gordas ocorreu inicialmente em buscas independentes nas plataformas acadêmicas como: “Google Acadêmico”, “*Pepsic*”, “*Scielo*”, entre outras ferramentas de pesquisa acadêmica, as quais tive acesso, ainda na graduação, e que pude acessar textos e autores(as) que denunciavam a gordofobia. Já no mestrado, construindo meu referencial teórico encontrei o Pesquisa Gorda (@pesquisagorda) – grupo de estudos transdisciplinares das corporeidades gordas –, com diversos(as) pesquisadores(as) gordos(as/es), cujos serão citados adiante nesta pesquisa, uma vez que marcaram minha trajetória como pesquisador gordo, com seus textos e vivências.

Ao longo da história, a condição do corpo gordo sofreu alterações em diversos lugares do mundo. Denise Sant’Anna em sua obra “Gordos, magros e obesos: uma história do peso no

Brasil” (2016), retrata algumas destas alterações, atenuando que se um dia o corpo gordo, no Brasil, já fora considerado sinônimo de saúde, hoje é visto como doença. No entanto, a medicina, ao diagnosticar o excesso de gordura como “obesidade”, entende como um problema que deve ser tratado pelas ciências da saúde, demarcando a patologização de corpos gordos, e tornando a magreza como equivalente de saúde e beleza (Araújo; Pena; Freitas, 2015).

Além disso, atualmente, a gordura é lida como um sinal de “feiura”. Essa ideia se popularizou na década de 1990 e início dos anos 2000, quando houve a expansão da comunicação do tipo de corpo que seria considerado como o ideal. Nessa época, a magreza virou parâmetro de beleza e saúde, enquanto a “obesidade” recebeu o predicativo de algo ruim e que deveria ser combatido a todo custo (Nery, 2017).

Todo esse processo histórico e social dá origem ao que se nomeia gordofobia, um estigma social, cultural, estrutural e institucionalizado em tempo hodierno. Uma forma de discriminação e preconceito subsidiado por saberes que consideram corporalidades gordas como doentes, deixando de lado a subjetividade, história de vida, cultura em que vive e outros fatores relacionados as suas singularidades (Jimenez-Jimenez; Arruda; Silva, 2022).

Segundo Arraes (2014), esta é caracterizada pela desvalorização, o descrédito e a hostilidade dirigida às pessoas gordas e aos seus corpos em diversos contextos sociais. A autora aponta que boa parte desse preconceito se dá devido à perspectiva biomédica de que gordura é doença e que corpos gordos são anormais.

Isso se materializa socialmente em comportamentos, falas e expressões que durante décadas foram naturalizadas, reprimindo uma gama de sentimentos causados a pessoas gordas, pressionando-as a se submeter àquilo que socialmente é tido como belo e “saudável”, uma vez que o modelo biomédico de saúde preconiza como saudáveis aqueles que se encontram dentro de padrões estéticos, socialmente impostos, desconsiderando todo os aspectos que independem dos sujeitos, como a cultura, a economia, as desigualdades sociais, entre outros (Silva; Cantisani, 2018).

Cabe ressaltar que a gordofobia ultrapassa o quesito beleza, preconizado pela pressão estética (o conceito será trabalhado adiante), se fazendo presente na arquitetura de espaços públicos, o que pode ser visto nas catracas dos transportes coletivos, ou nos assentos feitos somente para certos tamanhos de corpos. Se faz presente no vestuário, onde roupas para pessoas gordas não são encontradas em departamento comum, ou possuem setor próprio com valores maiores. Aspectos que limitam o acesso a direitos básicos e produzem sofrimento (Rangel, 2018).

Dessa forma, a percepção que o sujeito tem sobre seu corpo vai muito além de um corpo com excesso de peso e volume. A autoimagem traz consequências para a vida social, provoca desconforto, sentimentos negativos, além do próprio indivíduo se sentir triste, feio, com vergonha, inibido e possuir um forte sentimento de desvalorização e diminuição pessoal, aspectos ligados ao significado do que é estar acima do peso, ou seja, fora dos padrões de beleza (Macedo *et al.*, 2015).

Tais aspectos são corroborados pela mídia, oferecendo ainda soluções imediatistas e supérfluas como a privação da alimentação e a adoção de dietas emagrecedoras que revelam apenas preocupação com a aparência, e que pode favorecer o surgimento de transtornos alimentares (Almeida; Furtado, 2017).

Segundo Rangel (2018), o ativismo gordo surge nos Estados Unidos, entre a década de 60 e 70, sempre imbricado às pautas feministas de direito ao corpo, uniu-se à outras pautas como o antirracismo, anticapitalismo, antietarismo, dentre outras, para ganhar força no meio acadêmico. No referencial teórico, esse processo histórico tanto nos Estados Unidos como no Brasil será melhor detalhado, no entanto, o que se busca sinalizar aqui é que o ativismo gordo desde seu surgimento considera outras intersecções como gênero, raça e classe.

Considerando que me proponho a estudar como a gordofobia é vivenciada por homens, esta pesquisa utilizará o conceito de gênero que pode ser compreendido como um elemento constitutivo das relações sociais, que se baseia nas diferenças percebidas entre os sexos, bem como um fundamento para significar as relações de poder em nossa sociedade, ou seja, o gênero é entendido como uma criação inteiramente social das identidades subjetivas de homens e mulheres (Scott, 1995).

Ademais, Oliveira e Amâncio (2017), destacam que para estudar gênero é necessário compreender dois aspectos centrais: os processos assimétricos de dominação de gênero; e as intersecções que corroboram para outros tipos de dominação, como raça, classe, idade, sexualidade entre outros fatores. Um desses fatores é o tamanho do corpo ou peso.

Doravante a isso, Santos (2022), afirma que a gordofobia é uma violência que tem relação intrínseca com as intersecções raça, classe e gênero. A autora acrescenta que essa forma de violência interseccional tem o objetivo de controlar os corpos de mulheres negras e gordas, e que essa forma de opressão é naturalizada pela mídia.

As consequências sociais da gordofobia se apresentam na falta de oportunidade de emprego, na falta de acessibilidade, no desprezo social e nas falsas preocupações sobre a saúde carregadas de discriminação e preconceito (Pereira; Oliveira, 2016). Essas consequências se

direcionam a diversos corpos gordos, entretanto, tenho percebido que as intersecções influenciam diretamente na forma como elas serão vivenciadas.

Recentemente, no dia 05 de janeiro de 2023, a mídia noticiou o caso do jovem Vitor Augusto, homem negro e gordo que morreu na porta do Hospital Geral de Taipas, na Zona Norte de São Paulo, por não ser atendido devido à falta de maca que comportasse seu tamanho. Tal fato, evidencia como a gordofobia estrutural e institucionalizada custa a vida de pessoas gordas. Cito ainda uma entrevista que fiz no meu trabalho de conclusão de curso, em que Ítalo (nome fictício) – homem gordo, branco e gay – relata ter contraído o vírus do HIV devido ser sempre preterido em relações amorosas/sexuais. Por ser gordo acabava se submetendo à diversas condições arriscadas, como não usar preservativo nas relações, para manter seus companheiros (Modesto; Teles; Ribeiro; Alvarenga, 2023).

Diante disso, fica evidente a necessidade de analisar tanto o quesito gênero, quanto o quesito gordofobia, e de forma interseccional. Nesta pesquisa pretendo investigar como homens gordos estão vivenciando a gordofobia, sem perder de vista as questões de raça, classe, orientação sexual, entre outros.

Cabe ressaltar a indissociabilidade de estudar homens e masculinidade, visto que a construção social do masculino na sociedade é multifacetada, uma vez que existem formas diferentes de ser homem, como aponta a literatura científica sobre masculinidades. Para Connell e Messerschmidt (2013), apesar das masculinidades serem múltiplas, há formas de masculinidades hegemônicas que reproduzem as influências do patriarcado e das dominações de gênero e pode gerar sofrimento nas demais masculinidades.

Januário (2016), acrescenta que os corpos masculinos são entrecortados pela cultura, trazendo diversos sentidos acerca de sua masculinidade. Neste contexto, o corpo musculoso tem se tornado sinônimo de virilidade e força, sendo este, o estereótipo da “masculinidade hegemônica”. Dessa forma, o homem gordo se afasta do padrão normativo socialmente imposto e tem sua masculinidade questionada.

Este ideal de masculinidade supostamente hegemônica, influenciada pelo patriarcado e que não questiona as relações de poder que historicamente colocaram o homem em condição de privilégio será sempre colocada em aspas toda vez que comparecer nesta produção. Uma vez que não concordo acerca desta hegemonia, tendo em vista que a depender dos contextos esse ideal pode apresentar hegemonias distintas e se apresentar de diferentes formas.

Medrado *et al* (2010), elencam o quanto os estereótipos da masculinidade supostamente hegemônica podem levar os homens a terem desdobramentos na saúde e o quanto

pode afetar sua sexualidade. Os autores ainda pontuam que o não cumprimento das exigências sociais colocadas sobre homens lhes causa vergonha, estresse, depressão entre outros aspectos.

Partindo dos pressupostos que denotam as reverberações da gordofobia de forma geral e dos estudos que demonstram como ela pode ser vivenciada de formas distintas quando se considera as intersecções raça, gênero, orientação sexual, classe entre outras. Elenca-se a necessidade de pôr em questão: como a gordofobia afeta as masculinidades de homens gordos?

Antes de empreender responder esta questão, ressalto alguns pontos que demonstram a relevância desta temática. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), o “sobrepeso” e a “obesidade” são considerados como a acumulação atípica ou excessiva de gordura que pode trazer danos à saúde. Consideram como razão principal da “obesidade” e “sobrepeso” o aumento da ingestão de alimentos com alto teor calórico e hábitos de vida sedentários.

Todavia, a própria OMS reconhece que o fenômeno da “obesidade” pode ter causas multifatoriais, quando aponta os impactos de elementos ambientais e sociais, como: a falta de investimentos em saúde e educação; falta de investimentos na agricultura e processamento; nos transportes e distribuição de alimentos; e o marketing que gira em torno do mesmo acerca do comportamento alimentar dos indivíduos.

No entanto, estes aspectos são invisibilizados no principal método diagnóstico de “obesidade” e “sobrepeso”, uma vez que, de acordo com a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO, 2016), o instrumento mais utilizado para este diagnóstico é o Índice de Massa Corporal (IMC)¹, devido seu baixo custo e praticidade. Contudo, aponta-se sua falta de assertividade no que tange a distribuição da massa gordurosa e da massa magra. Essa distribuição é muito importante na avaliação de “sobrepeso” e “obesidade”. Mesmo com tantas limitações e com uma vasta literatura que questiona sua credibilidade, este método ainda é ratificado pela OMS (2020).

Mesmo com tantas contraindicações teóricas ainda é o IMC que é utilizado para o levantamento de dados nacionais sobre “obesidade” e “sobrepeso”, o que é algo problemático, uma vez que um dado matemático, esvaziado de sentidos determina se uma pessoa vai ser “doente” ou saudável. Havendo então processos de diagnóstico em massa que implicaria no que os manuais de saúde chamam de “epidemia mundial”.

¹ Trata-se do cálculo do valor referente à divisão do peso em kg pela altura em metro elevado ao quadrado.

Segundo a pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL) do ano de 2019, que usou como ferramenta o cálculo do IMC, mais da metade da população brasileira está “acima do peso”, totalizando cerca de 55,4% da população, sendo que os homens apresentam maior incidência, 57,1%, e as mulheres totalizam cerca de 53,9%. Em relação à “obesidade”, 19,8% da população apresenta essa condição, ocorrendo principalmente entre as mulheres, 20,7%, em contraposição a 18,7% entre os homens (Brasil, 2019). Todavia, Belém – capital do Pará – contrapõe a realidade nacional, pois o mapa da “obesidade” aponta que os homens estão com maior incidência, 20,1%, em relação às mulheres com 16,1% (ABESO, 2020).

Mesmo não concordando com o método que é utilizado pela VIGITEL, trouxe os dados apenas para que possamos visualizar o cenário nacional no que tange a quantidade e gênero das pessoas gordas que são patologizadas pela gordofobia médico-estatística, seja as que são consideradas com “sobrepeso” ou mesmo com a dita “obesidade”.

Diante disso, levando em consideração que esta é uma parcela significativa da população, depreende-se que mais pessoas vivenciam a gordofobia em seu cotidiano seja pelo “sobrepeso” ou pela “obesidade”. Elenca-se também, o percentual significativo de homens que supostamente estão nessa condição, fazendo-se necessário investigar como isso tem sido para eles, uma vez que em meu levantamento teórico pude perceber que a maioria dos estudos se centram nas mulheres, o que pode ser devido a forte influência que os movimentos feministas têm no ativismo gordo brasileiro (Jimenez-Jimenez, 2020; Rangel, 2018).

Piñeyro (2016), pontua que a forma com que a gordofobia é vivenciada por mulheres gordas é diferente da vivenciada por homens gordos. Embora a autora se debruce sobre as diversas formas que a gordofobia afeta as mulheres gordas. Ela ressalta que entre os homens gordos há um maior silenciamento desta forma de violência, uma vez que a gordofobia vivenciada por homens gordos tem origem na misoginia, devido ao corpo gordo masculino ser considerado como tendo características consideradas femininas.

Como a masculinidade dita hegemônica repele tudo que é tido como feminino, ela vem estabelecendo um padrão corporal que a represente, e isto tem se tornado cada vez mais uma preocupação para muitos homens que associam gordura com a falta de controle, preguiça, falta de disciplina, “saúde” e até mesmo masculinidade. Diante cenário, começa-se uma busca ensandecida pelo corpo “belo, saudável e másculo” (Fontes; Borelli; Casotti, 2012).

Além disso, ressalta-se o compromisso dessa pesquisa em problematizar os discursos da “saúde” que legitimam a gordofobia, uma vez que estes fomentam uma sociedade que além de ter fobia a engordar ou ver-se gorda, direciona preconceito e discriminação à pessoas que os

manuais de “saúde” diagnosticam como “obesas”, ou mesmo as que estão com “sobrepeso” (Mattos; Luz, 2009).

Paim e Kovaleski (2020), questionam as epistemologias gordofóbicas com as quais esses manuais são construídos e o potencial que eles têm de formar profissionais com abordagens gordofóbicas produzindo ainda mais sofrimento às pessoas gordas. Essas formas de sofrimento afetam a autoestima de pessoas gordas, afetam o agravamento de questões psicossomáticas e doenças originadas pelo estresse, entre outros quadros em que esses sujeitos poderão ser direcionados ou procurarão por conta própria apoio psicológico (Silva e Cantisani, 2018). Mas que profissional de psicologia irão encontrar?

Fachim (2022), denuncia em sua tese várias epistemologias gordofóbicas, e atenua a necessidade do(a) profissional lançar mão de novas epistemologias sobre e para pessoas gordas. Contribuindo com a perspectiva do autor, cito a terapia cognitivo comportamental tão ovacionada nos manuais da ABESO (2016), que é usada para “auxiliar no emagrecimento” através de técnicas como terapias em grupo, automonitoramento, controle de estímulos, atenção plena, e outras que trazem recomendações como deixar de ir ao cinema, não usar controle remoto, e registrar diariamente o que consome. Todas essas intervenções culpabilizam o sujeito, e criam uma relação de controle pelo terapeuta, podendo causar sofrimento às pessoas gordas e assim reproduzir a gordofobia.

Para Fachim (2022), psicólogo e pesquisador gordo, é necessária a construção de uma “psicologia gorda” embasada por epistemologias gordas e que esteja atenta à produção de conhecimentos com um viés antigordofóbico e que rompa com as tradições que contribuíram para a patologização do corpo gordo, até mesmo no campo da psicologia. Ademais, reitero que a psicologia enquanto ciência e profissão têm entre seus princípios fundamentais a promoção e a qualidade de vida das pessoas e o dever de contribuir para a eliminação de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência e opressão, atuando sempre com responsabilidade social (Conselho Federal de Psicologia, 2005).

Stenzel (2002) e Rangel (2018), denunciam que embora a área da saúde produza bastante material científico a respeito do corpo gordo, esses estudos em sua maioria utilizam vertente patologizante e lançam foco sobre a “obesidade”. Por isso, ao produzir conhecimento científico sobre homens gordos acerca da gordofobia promovida pela “masculinidade hegemônica” sendo um homem, psicólogo e pesquisador gordo, espera-se proporcionar não somente um ambiente de acolhimento, mas uma “Klinica da corpulência”, conforme propõe Pitombo (2022). “Klinica” essa que produza desvio e fuga para homens gordos que desejam não ser classificados, medicalizados, ou mesmo mutilados por saberes ditos “científicos” que

patologiza seus corpos e que não tem a ver com saúde em nenhuma esfera, e sim uma lógica colonial e mercantilista.

Além disso, espera-se que esta pesquisa suscite em homens gordos a implicação de causa no ativismo gordo, visto que tanto nas produções acadêmicas sobre gordofobia, quanto nos coletivos gordos, estes ainda se encontram em minoria (Santos, 2021). Mediante a isto, tenho por objetivo analisar a relação entre gordofobia e as masculinidades de homens gordos da região metropolitana de Belém. Mais especificamente, investigar como a gordofobia pode interferir na sexualidade destes homens, analisando ainda como isso se desdobra em suas relações amorosas e sexuais. Por fim, identificar quais as formas de enfrentamentos utilizadas por homens gordos diante da gordofobia.

Doravante a isto, estructurei esta dissertação da seguinte forma: No capítulo um faço um levantamento teórico acerca da gordofobia; No capítulo dois trato sobre as masculinidades a partir das produções científicas existentes a respeito, neste mesmo capítulo específico a questão da sexualidade e do corpo masculino; No capítulo três desenvolvo meu percurso metodológico; A partir do quarto capítulo apresento os resultados e a análise do trabalho de campo. Especificamente nesse capítulo se discute a respeito de formas de subjetivação masculina que produzem gordofobia; No quinto capítulo trato sobre o preterimento amoroso e a fetichização dos corpos gordos masculinos; No sexto discorro acerca das formas de sofrimento e enfrentamento vivenciadas por homens gordos, trato também nele a respeito da comunidade ursina. Ao término, faço algumas considerações finais.

2 “POR QUE DENTRO DA SOCIEDADE A GENTE NÃO NORMALIZA ESSE TIPO DE CORPO?”: ALGUMAS QUESTÕES REFERENTES A GORDOFOBIA

Para Rangel (2018), foi na passagem do século XIX para o XX que se consolidou a estigmatização do corpo gordo, sendo fruto de articulações entre a religião, política, arte, ética, moral e economia. Stenzel (2002), corrobora pontuando que a “falência moral” associada ao corpo considerado “obeso” produzida nesse período persiste até hoje, pois surgiram a ridicularização do corpo gordo das próprias figuras públicas que apresentavam excesso de peso, em *cartoons*. Já o emagrecimento passa a ser associado à sensualidade, graça e elegância, estabelecendo assim, não somente novos padrões de beleza e estética, mas um medo aterrorizante de engordar ou ter excesso de peso.

Embora o termo gordofobia seja relativamente recente, os estudos sobre corpos gordos já têm mais de 50 anos. No entanto, este “objeto de estudo” possui formas diversas de ser abordado que vão desde a “antiobesidade” que considera a “obesidade” uma epidemia mundial, até aqueles oriundos do ativismo gordo que denuncia a gordofobia e reivindica os direitos das pessoas gordas (Rangel, 2018; Lupton, 2013). Esta pesquisa posiciona-se na vertente do ativismo gordo.

Ainda segundo Rangel (2018), as corporalidades gordas tornaram-se uma linha de pesquisa e estudos através dos *Fat Studies*, que deram origem ao ativismo gordo nos Estados Unidos, influenciado pela teoria de biopolítica de Michel Foucault, visto que a noção de dissipação de poder pelo qual indivíduos incorporam ações cotidianas que contribuem para a autovigilância e da vigilância de seus pares, fazendo com que se criem normas que vão dividir, categorizar e controlar os sujeitos. O ativismo gordo também recebeu forte influência da segunda onda feminista, principalmente no que diz respeito à liberdade do corpo e sexual, além da ideia de que o pessoal é político.

Outro marco no ativismo gordo estadunidense foi o surgimento do movimento americano chamado de “*Fat Pride*”, com manifestações públicas na premissa de aceitação social da “obesidade” e contra a discriminação, recebendo força na década de 60 nos Estados Unidos a partir da fundação da *National Association for Fat Acceptance* (NAAFA), esta tinha como objetivo promover igualdade e dignidade a indivíduos de todos os tamanhos. Essa associação se embasou nos estudos de Goffman sobre estigma, buscando estratégias para reduzir o estigma social da obesidade e tornar mais possível a convivência com pessoas nessa condição sem causá-las sofrimento. Para alcançar seu objetivo, a NAAFA desenvolve medidas para oferecer desde educação pública até apoio jurídico contra a discriminação de pessoas

“obesas”, como por exemplo, ações contra empresas aéreas que cobram duas passagens para pessoas obesas ocuparem apenas um assento (Neves; Mendonça, 2014).

A partir da década de 70 popularizou-se no meio acadêmico, por unir-se a pautas anticapitalistas, antietaristas, anticapacitista, antirracista e antissexista. Uma das grandes autoras que marca o ativismo gordo no Estados Unidos é Susie Obach, com o livro “Gordura é uma questão feminista” lançado em 1978, o qual trouxe maior visibilidade para as pautas do ativismo gordo (Rangel, 2018).

No Brasil, tanto Rangel (2018) como Jimenez-Jimenez (2020), descrevem a importância do advento da internet para o surgimento do ativismo gordo em solo nacional. Segundo as autoras, *Blogs, Youtube e Facebook* foram cruciais para que se criassem comunidades que denunciavam a gordofobia e articulações com diversos movimentos sociais identitários e formação de coletivos que fomentaram o Ciberativismo e favoreceram produções científicas posteriores.

Para Jimenez-Jimenez (2020), o ativismo gordo no Brasil não é algo fixo e de pauta única, por isso não existe um ativismo único no país, mas diversos ativismos gordos. De acordo com a autora, este é um movimento novo que na busca de despatologizar corpos gordos perpassa por diversos outros temas. Na sua tese, a autora diferencia o ativismo gordo do movimento *body positive* e salienta que ambos ainda são confundidos, embora o primeiro vá além da aceitação do corpo e busque a despatologização da gordura e a promoção de direitos à pessoa gorda, já o segundo centra-se na questão da beleza, autoestima, moda e outros aspectos, que atravessam todos os tipos de corpos tentando quebrar um padrão único de beleza.

Outra distinção feita pela autora refere-se à pressão estética e à gordofobia. A primeira atinge todas as pessoas sejam gordos, magros, baixos, altos, loiros, ou negros, todos os corpos sofrem pressão estética, principalmente os corpos das mulheres, uma vez que essa pressão diz respeito à imposição social de buscar incansavelmente por um corpo padrão (magro, malhado, simétrico, sem lesões etc.) e o rechaçamento que os corpos sofrem conforme se distanciam dele.

A gordofobia, por sua vez, embora envolva questões de beleza e consumo, está voltada para questões mais profundas como estigmatização, exclusão e saúde. Além de tratar-se de uma forma de violência estrutural, cultural e institucionalizada que transpassa várias áreas da vida do sujeito no cotidiano social (Jimenez-Jimenez, 2020).

A gordofobia é um fenômeno que se materializa com a desvalorização, o estigma e a hostilidade dirigida às pessoas gordas e aos seus corpos em diversos contextos sociais (Arraes, 2014). Rangel (2018), ratifica que se trata de uma forma de opressão estrutural por ser produzida e sustentada nas principais esferas da sociedade civil como: saúde, mercado de

trabalho, acessibilidade e vestuário, por exemplo. A gordofobia desqualifica as pessoas. Em geral, é atribuído as pessoas valores negativos ou pejorativos pelo excesso de peso, as relacionam sempre a preguiça e ao descontrole, atribuindo culpabilização individual por sofrer uma estigmatização estrutural e cultural (Mattos; Luz, 2009).

Atualmente, a palavra gordofobia já é reconhecida pela Academia Brasileira de Letras (ABL) como um neologismo que indica comportamentos que inferiorizam, desprezam ou repugnam pessoas gordas. Segundo o site da ABL, a gordofobia atinge pessoas gordas no transporte público, no trabalho, nos restaurantes, em diversos lugares que não são preparados para recebê-las. Além de serem alvos de piadas e da falsa preocupação com a saúde, desde a infância e adolescência.

Denise Sant'Anna (2016), apresenta o processo histórico pelo qual os corpos gordos, que antes eram sinônimos de beleza e fartura, tornaram-se corpos repugnados, aos quais lhes é atribuído desprezo, feiura e doença. Para a autora, já havia caricaturas cômicas de corpos gordos, no entanto, sem conotação negativa ou como sinônimo de patologia. A autora pontua uma mudança de perspectiva sobre o corpo gordo que ocorre no século XX e aponta possíveis fatores que podem ter contribuído para isso, como: a difusão das balanças, a banalização de regimes para emagrecer e a midiaticização dos ideais de “obesidade” e desnutrição. Além disso, a gordura entra como temática dos círculos médicos fazendo com que corpos leves fossem associados à longevidade de forma crescente. O emagrecer se torna necessidade urgente e a utilização em massa de propagandas dos martírios da obesidade e da necessidade de controlar o próprio peso, desdobrando em uma valorização do corpo magro em detrimento a corpo gordo, faz surgir a obesidade, nome dado no sentido de afirmar que esta é a doença da gordura (Sant'Anna, 2016).

Ademais, Stenzel (2002), sublinha que embora o corpo gordo já tenha sido valorizado em determinados momentos da história, o processo de estigmatização não ocorria aos corpos magros da forma como ocorrem na contemporaneidade com os corpos gordos. Neste sentido, ocorre uma verdadeira guerra contra o corpo gordo, com atitudes discriminatórias, preconceituosas e carregadas de julgamentos, alegando uma suposta preocupação com a saúde da pessoa gorda (Paim; Kovaleski, 2020). Esta falsa preocupação com a saúde é uma das maiores justificativas para questionar o corpo gordo, no entanto, é infundada, visto que o emagrecimento surge como um sintoma de diversas doenças. Todavia, isso é ignorado por esse discurso dito de “saúde” que exerce uma supervigilância e a patologização do corpo gordo (Rangel, 2018).

No Brasil, essa patologização é legitimada por manuais de “saúde” como o da ABESO (2016) que em suas diretrizes não apenas atribui parâmetros de normalidade baseados unicamente no IMC, como também relaciona a “obesidade” como fator de morte precoce, com capacidade de encurtar a vida, além de não distinguir diferença na atuação com pessoas “obesas” e pessoas “acima do peso”, assim propondo estratégias de enfrentamento semelhantes para ambas, como: dietas restritivas, fármacos e mesmo a cirurgia bariátrica, entre outras técnicas que se focam somente no aspecto biológico e negligencia todos os outros fatores envolvidos neste processo, culpabiliza e responsabiliza o sujeito por questões que fogem do domínio individual.

Não coincidentemente, todas as formas de suposta prevenção da “obesidade” ou do “sobrepeso” favorecem a indústria, seja ela médica, farmacêutica ou de alimentos (light e diet) que geralmente são prescritos nas dietas. Assim é conveniente para o capital adoecer o corpo gordo para poder oferecer-lhe “cura”.

Carvalho e Martins (2004), questionam que considerar somente um saber determinista e mecanicista não dá conta de enfrentar as complexidades do campo da saúde coletiva. Além disso, os autores salientam que basear-se em representatividade numérica esvaziada de sentido e supostamente neutra, não permite um aprofundamento em uma gama de sentidos e significados que constituem as várias facetas do que se nomeia como “obesidade”, sendo este um objeto complexo, como muitos outros nessa área.

Silva e Cantisani (2018), corroboram a essa crítica, apontando a questionabilidade da causalidade entre IMC alto e doenças cardiovasculares, elencam a necessidade de estudos que desenvolvam métodos mais eficazes. Além do mais, os autores dissertam que um modelo estritamente estatístico desconsidera as especificidades de cada indivíduo ou grupo, uma vez que os sujeitos são considerados “desviantes da norma”, isto é, há uma indissociabilidade do aspecto biológico com o aspecto social e que se relaciona com a cosmovisão do observador sobre o sujeito observado. Poulaim (2013), ressalta as discussões acerca das limitações e insuficiência dos IMC, o que é ratificado por Rangel (2018), que considera este método superficial e incapaz de ter assertividade em grandes populações.

Ahima e Lazar (2013), acrescentam que existem controvérsias quanto ao uso do IMC para mensurar a normalidade corporal, visto que não se considera raça, gênero, distribuição de gordura subcutânea, gordura visceral ou massa muscular, por isso, muitas vezes um IMC dito “normal” pode mascarar falhas na nutrição, por exemplo. Ademais, os autores sugerem que metabolicamente pessoas com sobrepeso ou obesidade podem ser metabolicamente saudáveis, assim como pessoas como IMC’s ditos “normais” podem não ser saudáveis metabolicamente.

Poulaim (2013), destaca que a justificativa de saúde utilizada para legitimar gordofobia nos discursos e na intromissão no corpo do outro se dá doravante ao discurso médico dominante, o que faz da gordofobia uma forma de preconceito mais aceita na sociedade. Vale ressaltar, que as formas que este discurso sugere de combate à “obesidade” e ao “sobrepeso” produzem sofrimento nos sujeitos, acabam por combater a pessoa gorda, gerando preconceitos que ultrapassam o contexto da saúde e afetam a vida cotidiana dos sujeitos nesta condição.

A citar, uma dessas formas é a pesagem nas escolas, que consiste na pesagem dos(as) alunos(as) na frente uns dos outros para verificar quem não está com o IMC considerado normal. A grande questão é que isso expõe as crianças que estão fora dos índices de normalidade constrangendo-as, e muitas vezes, impulsionando-as à métodos de emagrecimento não saudáveis, podendo inclusive desenvolver transtornos alimentares (Rangel, 2018). Este fator é relevante, pois o transtorno alimentar é considerado uma doença e tem maior incidência entre crianças e adolescentes (Apollinário e Claudino, 2000).

Rangel (2018), sob as perspectivas de Brownell (1991), e Azevedo e Morgan (1998), cita como o emagrecimento, no imaginário popular, pode estar atrelado à ideia de sucesso profissional, sucesso nas relações sociais e amorosas, ao passo que quem não consegue atingi-lo pode ser tido como “fracassado” e “preguiçoso”. Esse “fracasso” visto como o desdobramento dessas terapêuticas que culpabilizam unicamente os sujeitos.

Vale ressaltar a contribuição da lógica neoliberal nesse contexto, que incentiva a medicalização da obesidade com cirurgias e medicamentos que os enquadrem nos parâmetros de saúde e beleza da sociedade gordofóbica vigente. A mídia veicula essas “alternativas” embasadas tanto no discurso de beleza como no discurso de saúde (Neves; Mendonça, 2014).

Poulaim (2013), contribui sublinhando as influências que as pesquisas acadêmicas sobre “os males da obesidade”, recebem de indústrias alimentícias e farmacêuticas, promovendo interesses em alimentos dietéticos e remédios para emagrecer. O autor ainda coloca em xeque a credibilidade das pesquisas da OMS acerca da gordura corporal e apresenta evidências que sugerem a influência de indústrias alimentícias relacionadas ao governo da França através da ANSES (Agence Nationale de Sécurité-Sanitaire, Alimentation, Environnement, Travail).

Silva e Cantisani (2018), expressam como a exclusão e opressão de pessoas gordas afeta sua autoestima e acarreta consequências sociais importantes como redução de chances de indicação para emprego, e mesmo o agravamento de questões psicossomáticas e doenças originadas pelo estresse.

Em concomitância ao preconceito direcionado a gordura, temos no século XXI a ascensão e a supervalorização do corpo magro e/ou musculoso, modelos de beleza que são difundidos e estimulados no cotidiano, principalmente veiculados pela mídia. Neste contexto, corpos gordos recebem novas rotulações negativas como: sujo, preguiçoso, feio, mau, besta etc. Uma sociedade cercada de espelhos e balanças, cobrando estes sujeitos a se enquadrarem no que é mais valorizado socialmente, como consequência disso, constituem-se sujeitos centrados na aparência e em formas corporais (Mattos; Luz, 2009).

Para além da hegemonia da beleza, a estética se torna um enquadramento sociocultural de saúde que determina quem precisa fazer atividade física ou reduzir alimentação a partir da aparência e responsabiliza o próprio sujeito por esta, coloca-o em constante vigilância e tenta controlar o seu comportamento e é, muitas vezes, bem-sucedida nisso, considerando que o sujeito deseja evitar constrangimentos morais e sociais (Mattos; Luz, 2009).

A grande questão é o risco que isso impõe a pessoas gordas, visto que, a centralidade na aparência e na questão do peso resultante da gordofobia faz com que outras questões de saúde passem despercebidas, a citar a saúde mental, e estes indivíduos são colocados em situação de maior vulnerabilidade (Silva; Cantisani, 2018).

O ativismo gordo no Brasil tem como característica a interseccionalidade ao considerar que a gordofobia está relacionada a questões de gênero, raça, classe social, entre outros fatores que influenciam na forma como esta pode ser vivenciada. Para Lupton (2013), os movimentos latino-americanos antigordofobia devem considerar essas intersecções, além dessas, um fator importante que atravessa o contexto histórico-cultural do Brasil, a colonialidade.

Para Novais e Machado (2021), em seu artigo referente a necessidade de racializar as discussões antigordofobia e os estudos gordos, apontam que o colonialismo e o cristianismo interferiram diretamente nas representações sobre os corpos de negros e indígenas, oprimindo suas crenças.

Doravante a isto, Strings (2019), contribui traçando a associação que fora feita entre negros e pecado, denotando a intrínseca relação disso com a patologização e estigmatização do corpo gordo, através da legitimação de hierarquias sociais que se fundamentam em raça e classe social. A autora, também, acrescenta gênero na categoria de análise da gordofobia devido ter vertentes religiosas e racistas que foram utilizadas para uma desqualificação das mulheres negras e para disciplinar mulheres brancas através do temor pelo corpo gordo.

Ainda segundo Strings (2019), a gordura recebe entendimento de grosseira, imoral e negra, e por isso direciona violência aos corpos de mulheres negras ao passo que colocam a mulher branca como figura esguia e adequada, personificando a imagem da mulher branca,

magra, católica e da elite. Para a autora, ao longo do desenvolvimento da modernidade o corpo negro gordo era tido como um corpo que precisava ser corrigido. Homens brancos consolidam seus estigmas aos outros corpos, e principalmente, às mulheres negras gordas que foram representadas como “selvagens” e “corpulentas” em diversos espaços como: a arte, a filosofia, e até mesmo na ciência, a qual considera o corpo gordo um corpo doente e por isso passível de medicalização.

Nicolas Cuello (2016), tece uma crítica quanto a imbricação do ativismo latino-americano e norte-americano, uma vez que ambos têm ideias diferentes acerca da distribuição de bens e consumos, serviços e alimentos, ao passo que na América Latina o acesso aos alimentos, da produção a distribuição, costuma ser permeada por pobreza extrema e má distribuição. Para Novais e Machado (2021), a gordofobia em países do sul é indissociável das desigualdades econômicas, criminalização da pobreza e pela tentativa de invisibilização de corpos nativos ou não brancos.

Bourdieu (2011), retrata como há uma questão de classe, quando se associa o corpo gordo às “más escolhas”, uma vez que é atribuído às pessoas de classes com capital cultural e econômico inferiores, o consumo de alimentos mais calóricos, gordurosos e menos nutritivos, então, no imaginário popular se tem que essa pessoa é excluída porque merece, por não sacrificar os apetites e prazeres, não contabilizar o consumo, ou entrar em dietas que controlam ganhos e prejuízos para conseguir saúde e beleza.

Para Raposo (2020), a gordofobia é perpassada pelo cruzamento de outras problemáticas sociais como: racismo, gênero, classe social, sexualidade, entre outros. Por isso, o ativismo gordo deve considerar todos os pressupostos da colonialidade, fator em comum que atravessa essas problemáticas sociais, para então poder atuar sob a lógica decolonial, a fim de combater todas as formas de estigmatização que hierarquizam os corpos magros sobre os gordos, bem como, as interseções que os permeiam.

Segundo Costa (2021), a formas múltiplas como os corpos se apresentam pode mensurar a forma e a intensidade da opressão direcionada a eles. Jimenez-Jimenez (2020), e Rangel (2018), para exemplificar essa condição lançam mão dos conceitos de gordo maior e gordo menor. Destaca-se que ambos sofrem gordofobia, mas a forma mais intensa e cruel está sobre os gordos maiores, seja pela acessibilidade, pelo vestuário, pelos serviços de saúde etc.

Rangel (2018), acrescenta que tal qual o colorismo é exemplificado pelo movimento negro para expressar quais negros sofrem mais racismo a partir da pigmentação da pele, assim, pessoas gordas sofrem mais gordofobia a partir do tamanho e forma de seus corpos. Outros conceitos, importantes citados pela autora e que são cruciais para este debate é a diferença entre

peessoas magras e pessoas não gordas, sendo a primeira aquela que não sofreria preconceito, nem seria patologizada e tampouco teria alguma dificuldade de acesso pelo tamanho de seu corpo, já a segunda seria aquela que não são consideradas magras, mas também não são gordas, sendo tidas muitas vezes como “fortinhas”, “fofinhas”, “cheinhas”, entre outros.

Ademais, pode-se perceber que a maioria das pesquisas que apontam a relação entre a gordofobia e gênero, lançam foco sobre o gênero feminino, cuja relevância é inegável, contudo, nesta produção, me debruçarei sobre o gênero masculino, mas para isso, precisamos entender mais a fundo como se dá essa relação.

Embora o ativismo gordo tenha nascido a partir de lutas feministas, mostrando como a gordofobia é imbricada ao gênero, gordoativistas como Jimenez-Jimenez (2020), Rangel (2018), Piñeyro (2016) e Costa (2021), denunciam que o debate da gordofobia ainda é tímido nos movimentos feministas, muitas vezes se detendo apenas a questão da pressão estética, evidentemente muitos corpos sofrem com essa imposição de padrões, entretanto, existem aqueles que são excluídos da sociedade, colocados à parte e, muitas vezes, tendo dificuldades de acessar direitos minimamente necessários para manutenção da vida, que são os(as) que sofrem gordofobia.

Para Jimenez-Jimenez (2020) e Piñeyro (2016), o patriarcado e o machismo promove o controle dos corpos femininos, sendo responsáveis pela chamada “pressão estética”, já a gordofobia é a violência, aversão e discriminação que somente pessoas gordes vivem e suas reverberações vão depender de outros marcadores sociais como: raça, gênero, classe, região demográfica, geração etc.

As autoras ainda atestam a falta de protagonismo gordo nos feminismos. Para Jimenez-Jimenez (2020), há uma falta de relevância direcionada pelos movimentos feministas sobre essa temática, fazendo com que o ativismo gordo precise o tempo todo tentar se validar nestes discursos e ocupar essa luta. Embora Rangel (2018), ressalte que a gordofobia também é vivida por homens, ainda que de forma diferenciada, doravante a isto, questiona se esta deveria ser somente uma questão feminista.

Piñeyro (2016), ao estudar a gordura masculina aponta que ela é uma questão feminista, visto que quando o homem gordo vivencia a gordofobia isso ocorre porque os “traços gordos” remetem a “traços femininos” e isso é a aversão ao feminino que dá origem a essa opressão. Tovar (2013), acrescenta que o tratamento cultural direcionado ao corpo do homem gordo é considerá-lo na maioria das vezes um corpo feminino, e há uma aversão cultural ao que é feminino. Para a autora, a gordura supostamente suprime as genitais masculinas, acentua as

mamas, e pode dar curvas ao corpo do homem, fazendo-o ser tido como feminino. Ela acrescenta que a gordofobia direcionada a homens gordos é fruto de sexismo.

Piñeyro (2016), elenca, ainda, que homens gordos podem receber *status* de protetor e forte, a despeito da sociedade aceitar do homem uma “beleza interior”, enquanto mulheres são rejeitadas pela aparência, de forma que se elas apresentarem excesso de gordura podem ser consideradas “grotestas” e desprovidas de feminilidade. Dessa maneira, pode-se perceber que tanto homens, quanto mulheres podem sofrer gordofobia, com o atenuante do sexismo e machismo oprimirem ainda mais mulheres gordas formando diferenças na forma como essa gordofobia é vivida a partir do gênero.

Rangel (2018), e Piñeyro (2016), sublinham que existem mulheres gordas que possuem maior aceitação que outras, por possuírem padrões eurocêtricos, como traços finos, brancas, sem celulites e estrias, entre outros padrões que fazem a gordura ser perdoada. Todavia, Jimenez-Jimenez (2020), ressalta que mulheres gordas que se afastam desse padrão são isoladas, entram em relacionamentos carregados de exclusão e prejulgamentos, provocando o que a autora chama de solidão da mulher gorda.

Costa (2021), ao citar autoras de livros autobiográficos pontua como essas relações causam sentimentos de “não merecimento de amor” e repulsa, além de culpas serem direcionadas aos seus corpos, reprimindo suas sexualidades. Tovar (2018), acrescenta o quanto o ideal de “ficar magra” poderia proporcionar às mulheres gordas o acesso ao amor e aos homens. A autora, ainda, pontua como o controle de peso pode colocá-las em posição de serem assumidas publicamente.

Alguns estudos realizados com mulheres gordas retratando suas vivências sexuais expressam sentimentos de vergonha, insegurança e insatisfação com a imagem corporal no momento da relação sexual (Silva, 2012; Gautério; Silva, 2014; Gailey, 2014; Costa, 2021). Gautério e Silva (2014), pontuam que essas mulheres relataram insegurança e vergonha de se despir na frente de seus cônjuges.

Outro fator preponderante, citado na pesquisa de Gailey (2014), é que nas relações cisheterossexuais, mulheres gordas percebiam que era necessária a ingestão de álcool, só ocorriam em lugares mais privados, mínima ou nenhuma demonstração de afeto em público. Além disso, relatam que ao terem contato com as discussões acerca do “orgulho gordo” esse sentimento de vergonha fora minimizado, iniciarem processos de identificação e pode-se inclusive identificar e sair de relações abusivas.

Alguns estudos, nacionais e internacionais, apontam como o corpo gordo socialmente não é considerado atraente (Chen; Brown, 2005; Oswald; Champion; Pedersen, 2020; Costa,

2021). Cabe ressaltar que a questão de gênero se torna preponderante, visto que mulheres gordas são duplamente discriminadas, tendo seu corpo como desviante e não performam o ideal de feminilidade (Silva, 2012; Gautério; Silva, 2014; Gailey, 2014). Cecílio *et al.* (2014), dissertam que quando se trata da vivência de sexualidade de mulheres fatores como desmerecimento do parceiro, insatisfação com o corpo e mesmo ideais de magreza, interferem de forma negativa.

Os estudos de Oliveira-Silva (2017), denotam a atribuição da assexualidade a corpos gordos. Santolin e Rigo (2015), incumbem o desinteresse sexual e a falta de excitação pelo outro às pessoas gordas devido à “obesidade”. Entretanto, embora autores como Costa, Machado e Cordas (2010) e Silva *et al.* (2012), coloquem a “obesidade” como causa da disfunção sexual, os mesmos não conseguem evidenciar se isso se dá por questões meramente biológicas ou se pelo estigma e preconceito direcionados às pessoas gordas, que consideram o corpo gordo não atraente e indesejáveis sexualmente.

Tanto na pesquisa de Chen e Brown (2005), quanto na de Oswald, Champion e Pedersen (2020), pessoas gordas são consideradas como as menos atraentes sexual e amorosamente. Chen e Brown (2005), pesquisaram a preferência sexual de homens e mulheres para a escolha de potenciais parceiros(as), na pesquisa categorias como: ter uma deficiência física, utilizar cadeira de rodas, ter um transtorno mental, ter histórico de infecção de doenças sexualmente transmissíveis ou ser obesa(o) foram elencadas, e como resultado pessoas “obesas” foram consideradas as menos desejadas tanto por homens, quanto por mulheres, no entanto, homens demonstraram se importar mais com as características físicas dos(as) parceiros(as).

Embora pessoas gordas sejam colocadas como não atraentes para a sexualidade cisheteronormativa, alguns estudos apontam certa procura delas em sites de relacionamento e pornografia, por homens e mulheres (Barros, 2017; Figueiroa, 2014; Vieira Junior, 2018; Kulick, 2012). Costa (2021), atenua que o desejo sexual é influenciado pelas regras sociais, por isso o corpo gordo, que é tido como desviante, só é desejado em ambientes privados por ser “fora dos padrões”, o desejo por ele deve ser encoberto.

Em sua pesquisa sobre pornografia gorda Jimenez-Jimenez (2020b), ressalta que a “*fat porn*” pode ser considerado uma forma de resistência, uma vez que no mundo virtual pornográfico mulheres gordas são enaltecidas por todas as razões que fora das redes são estigmatizadas. Contudo, a pornografia gorda tem potencial dissidente, já que pode assumir posicionamento contrassexuais que fogem da cisheteronormatividade e do falocentrismo, tornando-se uma forma de resistência em cenário, no qual o sexo natural reprodutivo é

predominante, podendo a mulher gorda não ceder aos contratos heretocentrados e explorando novos prazeres, prazeres dissidentes.

Todavia, a autora reconhece que esse enaltecimento da sexualidade da mulher gorda ainda ocorre somente em meios velados, como em sites pornográficos. Isso faz com que a fetichização do corpo gordo ainda seja predominante, porém excluindo-o do mercado amoroso e causando solidão no contexto amoroso.

Essa questão é discutida por Zanello (2018), no seu livro “A prateleira de amor”, no qual apresenta este conceito para elucidar como mulheres são escolhidas como parceiras afetivo-sexuais a partir de determinados atributos que tomam como referência a mulher branca, magra e jovem, colocando cada vez mais para o fim da prateleira mulheres que se afastam desse “padrão”. Nesse sentido, mulheres negras, gordas e velhas seriam tidas como menos desejáveis e atraentes, recebendo título de “encalhada”, sendo então, as últimas opções da prateleira. A prateleira é desigual e fortemente marcada por este ideal estético.

De acordo com Costa (2021), há uma legitimação dos corpos magros acerca de sua beleza, atratividade, saúde e estética, em detrimento de corpos gordos que são punidos amorosamente e muitas vezes não são escolhidos como parceiros por não atingirem essas expectativas. Ao passo que o corpo gordo passa a ser sinônimo de repulsa, se tornando desviante quanto às relações sexuais, ao gênero, a raça, a religião, entre outros fatores que performam, diferente do magro, branco, cisheterossexual, que é aceito e aprovado social e sexualmente.

Costa (2021), descreve que a partir destes relatos pode-se evidenciar uma relação entre a questão da gordofobia e da sexualidade. No entanto, a autora relata que em seus estudos não encontrou material autobiográfico que tratasse a respeito da sexualidade de homens gordos, atenuando que essa discussão fora incitada inicialmente somente por mulheres.

É importante ressaltar que todos os estudos encontrados até o momento a respeito da gordofobia e como ela atravessa a sexualidade, protagonizam as mulheres gordas e relações cisheteronormativas, o que tem grande relevância, tendo em vista o processo patriarcal e machista, produtor de opressão e que está bem elucidado nas produções já existentes. Entretanto, essa pesquisa se propõe a investigar como isso ocorre para homens gordos, com relação à vivência da sexualidade, considerando a diversidade das masculinidades e como elas podem ser afetadas pela gordofobia. A respeito das masculinidades, teremos maior aprofundamento no capítulo a seguir.

3 “SER HOMEM É SÓ UM TÍTULO”: CONTRIBUIÇÕES A RESPEITO DAS MASCULIDADES

Para Medrado e Lyra (2008), os estudos acerca das masculinidades tem produções relativamente recentes, com conglomerados a partir de 1980, ainda que sem muito aprofundamento teórico, epistemológico e político sobre a temática. Todavia, a partir desse período começa uma produção que ultrapassou a visão de que os homens somente são a “face maldita” que produzem desigualdades.

Para Petersen (1998), os primeiros estudos sobre masculinidades tiveram lacunas devido a tomarem de forma essencialista, principalmente como o ideal de cisheterossexualidade masculina. Welzer-Lang (2004), contribui pontuando que as discussões acerca dos gêneros se enriqueceram à medida que deslocaram para as relações de gênero, um enfoque que anteriormente só era feito ao feminino. Neste sentido, a partir dos debates feministas, do movimento gay, dentre outros processos históricos, pôde-se questionar os estereótipos de masculinidade e mesmo a dominação masculina, outrora tida como natural (Gomes, 2008).

Segundo Lyra e Medrado (2008), somente a partir de 1990 passou-se a ter estudos mais robustos sobre as masculinidades. Os autores destacam que há uma necessidade de se estudar as masculinidades para além do conjunto de sentidos e significados culturais disponíveis sobre ser homem, mas como instrumento para discutir estereótipos e preconceitos, a fim de construir novas perspectivas. Mas, o que seriam as masculinidades?

Connell (1995), abandonando as premissas de “papel masculino” que desconsideravam as relações de poder vigentes e velavam formas de opressão, oferece uma conceituação precisa a respeito das masculinidades como a configuração de como homens, através de suas práticas, posicionam-se nas relações de gênero. Para a autora, o termo deve ser escrito no plural, visto que essa configuração prática pode ter diversas variações.

A configuração prática, segundo Connell (1995), é aquilo que os sujeitos realmente fazem e não aquilo que é esperado deles. A autora acrescenta que falar das masculinidades é falar de relações sociais e da relação com seus corpos, considerando que “homens” significam adultos com características corporais masculinas. Para além da capacidade reprodutiva e diferenças sexuais, o gênero seria fruto das práticas sociais dirigidas a corporalidade.

Neste sentido, de acordo com Connell (1995. p. 189), “as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser social” e podem ser vivenciadas na postura, nas tensões musculares, nos movimentos, nas habilidades físicas dentre outros. Ademais, masculinidades

diversas podem ser produzidas em um mesmo contexto social: cada masculinidade é única, complexa e podendo ser até mesmo contraditória (Connell, 1995).

Oliveira (2004), na obra “A construção social da masculinidade”, traça o percurso histórico de construção das masculinidades, enfatizando os atravessamentos sociais e a influência da modernidade, da pós-modernidade e de outros fenômenos sociais para a construção de um imaginário que sanciona socialmente determinados comportamentos e forja um ideal culturalmente esperado acerca dos homens e de suas masculinidades. O autor centra-se na gênese social das masculinidades e como elas se construíram na história.

Kimmel (1998), corrobora esta ideia e destaca que a masculinidade não se dá de forma natural ou biológica, pode variar de cultura à cultura e sofrer transformações ao longo da história, tanto no contexto social, quanto no estrato mais individual dos sujeitos, além de receber influências de outras variáveis, ou como postula Oliveira (2004), outros estratos sociais.

Para Oliveira (2004), a masculinidade seria um estrato social, assim como: raça, posição geográfica, profissão, etnia, inserção ou exclusão em um *status* social, idade, entre outros fatores que, segundo o autor, fazem parte da “teoria da imbricação dos estratos sociais” que se trata da articulação, do “esparramamento” e da indissociabilidade que há entre os estratos sociais.

Retomando a Kimmel (1998), ressaltam-se dois fatores inter-relacionados da relação de poder que são preponderantes na constituição das masculinidades socialmente construídas. O primeiro é a desigualdade de gênero que se dá na relação de homens com mulheres; e o segundo é a desigualdade fundamentada em raça, etnicidade, sexualidade, entre outros fatores que surgem na relação de homens com outros homens. Para o autor, embora as relações de poder beneficiem, de certo modo, todos os homens, existem aqueles que são mais privilegiados e cujos demais são invisibilizados.

Ainda segundo Kimmel (1998), há um processo de constituição histórica da chamada “masculinidade hegemônica” perpassando pela Europa, Austrália, América Latina, entre outros lugares e momentos históricos que construíram um ideal masculino hegemônico, que, para o autor, dentre tantas características, a mais preponderante delas é a desvalorização das outras formas de masculinidade, colocando-as como subalternas.

Cecchetto (2004), disserta que este modelo de masculinidade tido como hegemônico considera os demais inferiores ou inadequados. Korin (2001), acrescenta que esse modelo é naturalizado, tido como normal, ou até mesmo com característica biológica inerente ao homem, de forma que homens que não possuam a aparência física, a conduta ou inclinação sexual

condizente a hegemônica, são considerados desregulados, discriminados e por vezes sequer são considerados “homens de verdade”.

Gomes (2008), cita que a “masculinidade hegemônica” possui dois eixos estruturantes: a cisheterossexualidade e a dominação. A esse respeito cabem duas considerações: a primeira de que mesmo alguns homens cisheterossexuais podem ser deslegitimados da suposta hegemonia quando atravessados por outras intersecções (Cecchetto, 2004).

A segunda é que a dominação associada ao masculino é constada desde os estudos de Kimmel (1998), sobre a masculinidade norte-americana dos “cowboys”, a qual valorizava a violência, a competitividade e o poder, até os estudos de Pinho (2005), que considera a imbricação da masculinidade como uma metáfora de poder e sua ausência representaria uma “feminilização”.

Retomando a Gomes (2008), essa dominação masculina é caracterizada pela força, pelo poder sobre o outro (sejam mulheres ou outros homens), pela coragem, pela atividade (o oposto a passividade, inclusive no sentido sexual), potência, invulnerabilidade, resistência, entre outras características, as quais são tomadas como positivas. Para o autor, homens são colocados em posição de competição e hierarquização o tempo todo, não somente com mulheres, mas com outros homens, para provar quem tem mais poder. Nessa busca, um homem pode ter que feminilizar o outro, colocando-o em posição de passividade.

Essa forma hegemônica de masculinidade se mantém pelo controle, através da construção homossocial em que homens são educados, e a partir da aprovação de outros homens e de sua autoaprovação (Korin, 2001). A idealização deste modelo produz controle no comportamento, nas práticas cotidianas, na incorporação e nos discursos dos homens (Stern *et al.* 2003).

Ramos (2000), contribui pontuando que essa provocação a respeito das masculinidades que nasceu nos EUA na década de 1980 e chegou ao Brasil no final da década de 1990, se trata de uma crise endêmica e permanente em uma sociedade patriarcal, pois, neste contexto, a masculinidade é algo que se deve conquistar e não algo dado. O autor considera que embora essa crise tenha sido sensibilizada pelos feminismos, não fora determinada por eles.

Neste sentido, Goldenberg (2000), pontua que mesmo que o “machão” esteja em crise, este terá de sobreviver convivendo com modelos diferentes de se vivenciar a sexualidade masculina, modelos que divergem a masculinidade supostamente hegemônica, baseados na força, virilidade e poder, cujo ideal é reproduzido cotidianamente, por homens e até mesmo por mulheres.

Esses modelos múltiplos de masculinidade foram observados no Brasil por Grossi (2004), que cita os homens honrados, homens sensíveis, novos pais, homens desempregados, entre outras formas que valorizam a inteligência, a sensibilidade, e a habilidade para lidar com coisas novas como atributo da masculinidade e não somente a força, como no caso da “masculinidade hegemônica”.

Connel e Messerschmidt (2013), pontuam como a “masculinidade hegemônica” se impõe aos corpos dos homens. Queiroz (2020), acrescenta que, para esses homens, o exercício da masculinidade está ligado ao controle do corpo, dos desejos e das vontades, principalmente, no aspecto sexual, e quando este controle está em iminente risco, essa experiência é tida como negativa, ou até mesmo traumática. A autora ainda ressalta o processo pedagógico que perpassa essa experiência, no processo de transição em que meninos – no processo de compreensão da sexualidade – são imputados a terem uma performance de um “homem”.

3.1 A sexualidade masculina

No que diz respeito à sexualidade masculina, a literatura aponta que a grande mídia e algumas revistas internacionais ainda têm uma abordagem reducionista do assunto, que desconsideram as intersecções que atravessam os homens, geram uma obsessão sobre o corpo e desconsideram seus limites, voltando-se somente para a melhora do desempenho sexual. Além disso, debruça sua análise sobre a “masculinidade hegemônica”, desconsiderando as masculinidades que se distanciam dela (Gomes, 2011).

Gomes (2011), ressalta que em pesquisas na *internet* sobre a saúde sexual de homens é comum a maioria dos temas se voltarem apenas para ejaculação precoce e disfunção erétil, e quando estes *sites* estão associados a clínicas e hospitais, a importância se volta para o órgão genital masculino como a centralidade da sexualidade masculina, propondo intervenções com medicações ou cirurgias, ou seja, sob premissas de medicalização.

Nogales (2006), sublinha alguns ideais que circunscrevem o imaginário social a respeito da sexualidade masculina, entre eles: a preocupação com o tamanho do pênis, a exigência acerca da ereção imediata, a penetração na relação sexual, e como essas ideias reduzem a sexualidade ao órgão genital.

Outro fator preponderante acerca da sexualidade masculina presente na literatura é a cisheterossexualidade como eixo estruturante, tomando-se quase como pertença exclusiva desta sexualidade (Gomes, 2011). Ademais, Parker (1991), expõe que a questão da cisheterossexualidade está associada a ser ativo e dominador e a homossexualidade a ser

passivo e dominado. Esta implicação da sexualidade masculina hegemônica influencia tanto nas relações entre homem e mulher, como nas relações entre homens.

Todavia, não é incomum encontrar no imaginário social a ideia de que mesmo em relação entre homens, a masculinidade pode não ser comprometida para aquele que toma posição de ativo, na relação hierárquica de atividade e passividade, dominação e submissão. Penetrar outro homem pode ser visto como uma forma de autoafirmação e poder masculino em detrimento a passividade (Cecchetto, 2004).

Nestas demarcações da experiência sexual diferenciadas pelo gênero, dois eixos norteiam essas experiências, comumente visível no cenário brasileiro. O primeiro diz respeito ao homem ser sexualmente ativo e desejoso por sexo, em contraposição à mulher. E o segundo, trata-se da experiência sexual masculina como um ritual para a construção da virilidade, instituindo-se até como um aprendizado técnico, em contrapartida a experiência feminina estaria mais relacionada aos vínculos afetivos do que ao sexual (Heilborn, 2006).

A este respeito, Welzer-Lang (2001), contribui apontando o fato de que homens que não se submetem à sexualidade cisheterocentrada não são tidos como homens normais, são associados à mulheres e tratados como elas, uma vez que são acusados de serem passivos, contrariando ao imaginário de que ser homem é ser ativo.

Nolasco (1997), destaca o fato de a sociedade patriarcal submeter a sexualidade masculina ao modelo de representação de ser homem “de verdade”, e que neste modelo meninos e meninas, consideram que ser homem ou mulher é algo de natureza inata. Gomes (2003), elenca estudos que passaram a surgir no final do século XX em que os discursos de homens tendiam a se repetir entorno de assuntos como negar a homossexualidade, corresponder expectativas sexuais e sociais, comparecendo um certo medo de não atender a esse padrão de “ser homem de verdade” e terem sua sexualidade questionada.

A literatura pontua as inseguranças do ser homem em um contexto em que isto representaria que a sexualidade para ser efetiva, deve se relacionar com os opostos, trazendo inseguranças que o levem a ter medo da homossexualidade ou mesmo da impotência, imputando aos homens que para ser “homem de verdade” deveriam ter medo e se afastar de tudo que pudessem associá-los a virar uma mulher (Damatta, 1997).

Gomes (2003), ratifica com Damatta (1997), no tocante a esses medos, no sentido de que mesmo o “macho” seja equipado para agir como tal, não pode falhar no desempenho sexual, atribuindo a estes não somente o fato de ter um pênis, mas de se relacionar, pois a validação que atesta o ser “homem de verdade” viria justamente das mulheres, para que estes pudessem se sentir assim.

Francisco (2021), e Queiroz (2020), acenam que para esta “masculinidade hegemônica” o homem tem que ter controle da experiência sexual e do próprio corpo de forma que o homem fosse aquele que sempre gosta de fazer sexo e ser ativo nesse processo, de maneira que se isso não ocorresse, afetaria diretamente a virilidade deste homem, e sua masculinidade, por conseguinte.

Machado (2004), em sua pesquisa com homens presos por estupro, elenca como essas questões de “controle”, “poder” e de ser “ativo” estão relacionadas as masculinidades. Segundo o relato de seus entrevistados, há a ideia de que o homem é sujeito e a mulher objeto, sendo a masculinidade a encenação de controle e poder. Minayo (2005), desassocia essa questão de sujeito e objeto da sexualidade e ressalta que se trata de um verdadeiro apoderamento sexual da vítima, anulando sua vontade.

Gomes (2008), reúne autores que falam acerca dos roteiros sexuais estabelecidos por mitos no imaginário social dos homens. Esses mitos se relacionam ao tamanho do pênis, ao desempenho sexual, à ereção, entre outros fatores que estruturam os roteiros sexuais masculinos, fazendo com que homens que não o cumprem, se sintam inadequados.

Outro favor preponderante na sexualidade masculina é a masturbação, tida como vivência quase universal para os homens. A masturbação é vista como momento inicial da sexualidade para os jovens, precedendo, muitas vezes, as relações com outras pessoas (Bozon, 2004). Gagnon (2006), acrescenta que este processo é importante para a autodescoberta masculina, além da contemplação autoerótica, que possibilita prever ou reviver relações com outras pessoas. O autor ainda pontua que a masturbação é uma forma do homem relacionar ereção e ejaculação com virilidade e potência, a partir da autodescoberta do ser masculino.

Retomando a questão da cisheterossexualidade como norteadora da sexualidade masculina, a partir dos estudos das ciências sociais, no qual inúmeros estudos apontam que a sexualidade masculina é comumente cisheterossexual, de forma que faça com que homens para não ter sua masculinidade colocada em dúvida devem constantemente provar seu interesse exclusivamente por mulheres (Gomes, 2008).

Como possível explicação para este fenômeno, Truzzoli (2003), alega que o gênero se constrói como a repetição de uma imitação sem ter algo original para ser imitado, mas que se produz como consequência de uma imitação de uma modelo ideal tendendo a se repetir, sustentando a ilusão de identidade e uniformidade, visto que estas encontram-se constantemente em risco.

Elenca-se a importância da reflexão acerca do aspecto da orientação sexual. A este respeito ainda há uma dualidade de concepções acerca do uso dos termos orientação sexual ou

preferência sexual. Embora na área da saúde e das ciências sociais o termo orientação sexual seja mais bem aceito, alguns autores optam por preferência sexual (Gomes, 2008).

Gagnon (2006), utiliza o termo preferência e se subsidia em argumentos como o de que o gênero do indivíduo é o que é desejado e não o sexo, que o desejo é construído socialmente e não biologicamente, que uma pessoa prefere a outra e não é orientada a ela, que esta preferência é multável e instável, tanto interna como externamente, e que a preferência não se trata só de gênero, de raça, técnicas, contextos e estéticas.

Neste sentido, retoma-se a forma como a sexualidade e a própria preferência sexual é influenciada pelo contexto, e isso se reflete nos corpos e até na aparência física do preferido, ressaltando um padrão do que é desejado. Desviar disso pode influenciar diretamente no exercício da sexualidade, visto que inclui aspectos de ser desejado, ter parceiros(as) afetivo-sexuais entre outros aspectos (Heilborn, 2006).

Esses padrões são construídos a partir da educação sexual, seja formal ou informal, que dita como se deve vivenciar a sexualidade, a partir de ideais de como “ser homem” ou ser “mulher”, quando muitas vezes se reproduzem discursos machistas, sexistas e fazem manutenção da repressão sexual. Essas formas de repressão ditam, mesmo que sutilmente, a forma de ser, estar ou agir no mundo, com imposições veladas pela cultura, sendo tomadas como naturais. Esses processos se distinguem entre homens e mulheres. Para os homens essas repressões incentivam a perda da virgindade, o uso da pornografia e a virilidade, para as mulheres o casamento, a maternidade e a beleza (Maia, 2010).

3.2 O corpo masculino

O corpo do homem não escapa ao constructo da masculinidade, no entanto, não quer dizer que o corpo masculino seja fixo. É necessário abandonar a antiga crença de que só as culturas são mutáveis e os corpos masculinos não, visto que estes corpos estão o tempo todo em processos de classificação e construção social de masculinidades. Neste sentido, os corpos masculinos são o ambiente onde se circunscrevem as masculinidades, e essas não são uniformes e lineares (Connell, 2005).

No corpo, e através dele, é que são inscritas as masculinidades e, também, é no corpo que se faz a distinção com o feminino, o que gera no homem a necessidade de vigiar constantemente seus gestos, seu comportamento, suas emoções e seu próprio corpo, já que nele a masculinidade é provada (Damatta, 1997; Bourdieu, 1998; Gomes, 2008).

Oliveira (2004), destaca que já existia um culto ao ideal de corpo masculino desde o século XVIII e associa como o atleta grego era colocado como sinônimo de homem vigoroso e

vencedor, exacerbada da dita “masculinidade”. O autor postula produções acadêmicas que retificavam essa ideia, inclusive atribuindo ao “corpo atlético” valor moral, além de coragem e virilidade. Esses pressupostos passam a ser impostos aos jovens e meninos, incentivando a ginástica desde cedo, mas com o intuito de construir esse corpo que represente coragem e virilidade.

Ademais, pela via dos esportes o corpo social perpassava a ideia da masculinidade como algo consagrado. Na Alemanha, a partir do século XVIII, passou a haver uma associação dessa prática com o patriotismo, colocando o homem que tem esse corpo atlético como casto, puro, íntegro e bom com o manejo de armas. Os esportistas se tornaram símbolo do ideal de homem valorizado, agressivo, forte e disciplinado. Cabe ressaltar que esse processo de disciplinarização dos corpos masculinos através do esporte, além da expectativa de criar um defensor nacional, era naturalizada no cotidiano de seus agentes, sujeitando seus corpos a docilidade e utilidade, esse processo ocorre semelhantemente nas forças armadas, em escolas, hospitais, asilos, entre outros. O esporte se torna uma validação da masculinidade, gerando protótipos de macho ideal (Oliveira, 2004).

Charaudeau e Corrêa (2007), postulam que a magreza se torna sinônimo de beleza na modernidade e Bordo (2003), acrescenta que o corpo perfeito, jovem, belo e magro é alimentado pelo capitalismo consumista. Para Sant’Anna (2016), esse processo é influenciado pela produção, comercialização e divulgação em massa, pela mídia de produtos de beleza e estética, além de medicações para emagrecer ou ganhar massa muscular.

Embora ainda haja uma supervalorização da magreza, tanto para mulheres como para homens, os corpos masculinos passam a ser exigidos de possuir uma musculatura robusta, sendo a gordura e a magreza sinônimas de debilidade física para os homens (Sant’Anna, 2016). A corporeidade masculina passa a ser representada pelo corpo forte e viril (Beiras *et al.* 2007).

Ferreira, Castro e Gomes (2005), dissertam que até recentemente no imaginário popular tinha-se que a preocupação com a imagem corporal afligia somente as mulheres, todavia, nos estudos da última década tem se constatado essa preocupação comum entre os homens. Para as autoras, além do corpo do “supermacho” que é “malhado, forte e sarado” ser sinônimo de coragem, força e masculinidade, também pode significar sucesso social, financeiro e sexual. Sant’Anna (2016), corrobora a esta ideia pontuando que na sociedade de consumo ter um corpo jovem, magro ou musculoso não se trata apenas de saúde e beleza, mas de alcançar sucesso, realização pessoal, felicidade e poder.

No contexto brasileiro, Sant’Anna (2016), retrata o processo histórico em que o valor social direcionado ao homem gordo muda abruptamente. Até o século XX, homens gordos eram

sinônimos de valentia e bravura, sem que estes corpos fossem associados a características negativas. Com o processo de patologização dos corpos gordos, tanto Sant'Anna (2016), como Oliveira (2004), concordam que a firmeza passa a ser cobrança do corpo masculino, tornando a flacidez algo que não seria de "homem".

Todavia, Piñeyro (2016), e Tovar (2013), concordam que o homem gordo possui atributos que socialmente o feminilizam paulatinamente. Homens gordos são vistos, segundo as autoras, como de "moral mais frouxa" ou menos disciplinados, características que normalmente são atribuídos às mulheres, de forma que é produzida uma ansiedade masculina acerca de que o homem gordo esteja "se tornando mulher" sendo característica crucial da gordofobia direcionada a esses corpos.

Essa afirmação está fundamentada em três eixos que são citados por Piñeyro (2016), e Tovar (2013): A feminização química; A gordura castradora; E o desenvolvimento de peitos em homens (tradução nossa). A feminização química, segundo as autoras, seria a afirmação de alguns estudos internacionais de que homens gordos possuem mais hormônios femininos do que masculinos e que isso interferiria no seu desempenho sexual. A gordura castradora fora conceituada a partir da análise de "memes" sobre homens gordos insinuando que estes não conseguem acessar o pênis, que não veem o órgão ou que metaforicamente já tinham sido castrados pela gordura, o que colocaria em questão sua masculinidade e os infantilizaria. O terceiro eixo seria o desenvolvimento de peitos em homens gordos, o que é tido socialmente como "nojento" e que questionaria mais uma vez a masculinidade desses homens. Além disso, as produções internacionais para saúde do homem sugerem intervenções cirúrgicas e faz afirmações de uma cisheterossexualidade compulsória, onde os homens deveriam ser atraídos por seios e não os ter (Piñeyro, 2016; Tovar, 2013).

Piñeyro (2016), faz uma ressalva acerca da gordofobia direcionada a homens se aplica somente a homens gordos maiores, diferente das mulheres que podem sofrer com a violência duplamente, por serem mulheres e por serem gordas, ainda que gordas menores. A autora ainda ressalta que a gordofobia vivenciada por homens gordos é silenciada e que o ativismo gordo ainda é protagonizado majoritariamente por mulheres.

Tovar (2013), por outro lado, admite que a gordofobia vivenciada por homens não é seu objeto de estudo principal, embora promova pistas a este respeito, ressalta que seus estudos sobre a gordofobia foram atravessados por suas vivências pessoais, o que lhe deu artifícios para estudar com maior aprofundamento sobre a gordofobia direcionada às mulheres.

No meu percurso para construir esse referencial teórico encontrei pouquíssima literatura que tratasse especificamente da experiência de homens gordos de forma geral ou da

forma como homens gordos vivem a gordofobia, mas ao intercruciar com a temática da sexualidade, encontrei produções acerca de “ursos/bears”, em que são encontrados homens gordos gays nesta comunidade diversa, onde também se encontra material, pouco, mas significativo acerca das experiências amorosas/sexuais desses homens.

Flauaus (2018), afirma que a comunidade ursina começou a surgir internacionalmente no final do século XX para caracterizar de formas cômica a diversidade dos movimentos gays através de animais. Posteriormente há a alusão a grupos de homens gays gordos, grandes, peludos ou mais velhos que não eram bem-vindos em locais gay gerais.

Um local importante para a comunidade ursina fora o bar “Lone Star Saloon”, em 1989 no distrito de “South of Market”, em São Francisco. O espaço era frequentado por motociclistas que utilizavam roupas de couro e passou a ser conhecido como “meca dos ursos”. Esse movimento impulsionou o surgimento da revista “Bear”, causando a união entre os “ursos”, quando gays que não se identificam com o padrão magro e jovem podiam se identificar e se unir a seus pares. Embora não seja possível apontar uma única causa, momento ou local, a comunidade ursina se constitui como uma subcultura homossexual (Flauaus, 2018).

Em solo nacional, as pesquisas trazem indícios de que São Paulo tenha sido a primeira capital a se consolidar comunidades ursinas a partir de 1990, e isso se deu por meio de bares, saunas, encontros e festas voltadas para essa população. A internet foi a principal responsável por esse processo, aproximando aqueles que se identificam com o público em questão (Flauaus, 2018).

Embora a comunidade ursina seja diversa e nem todos os seus participantes sejam homens gordos, é sobre eles que pretendo lançar atenção. Flauaus (2018), cita um dos tipos de membros da comunidade ursina que é característico dos homens gordos, os “*chubby’s*”, e pontua que sua pertença à comunidade *bear* é problematizada ou não aceita para alguns de seus entrevistados.

O autor apresenta ainda outra subcultura gay que surge na América do Norte, a comunidade dos Girth & Mirth, composta por homens gordos gays e criada em resposta a discriminação no meio gay com homens que tem “excesso” de gordura corporal. Nesta subcultura, homens “obesos” se encontram em cafés, boates, bares, cinemas e outros, para tecer redes de socialização.

Whitesel (2014), sublinha como a mídia veicula um culto ao corpo magro e musculoso no comércio homoerótico, sendo até mais violento que as propagandas não LGBT. O “excesso” de gordura corporal é visto como um desvio de comportamento de forma que o corpo gordo seja acusado de preguiça, glotonaria e baixa autoestima, pela “frustração” de não ter alcançado

o corpo “ideal”, “belo” e “saudável”. O autor acrescenta ainda, que o homem gordo gay sofre o preconceito e a discriminação duplamente, utilizando a comunidade como mecanismo de enfrentamento desta forma de violência.

Tanto Flauaus (2018), como Whitesel (2014), concordam que mesmo na comunidade de ursos homens gordos podem ser rechaçados por terem que competir com “*musclebear’s*”, que são homens musculosos e peludos. Para os autores, a comunidade Girth & Mirth acusa os ursos de valorizarem mais a presença de pelos do que de gordura corporal. Assim, homens gordos, quando não possuem pelos, são somente tolerados pela comunidade ursina.

Outro fator problemático na comunidade ursina é a questão racial, embora caracterizado o “blackbear”, que são homens gordos negros (peludos ou não), a associação de pessoas a animais é historicamente problematizada pelo movimento negro, uma vez que o corpo negro é animalizado em diversos momentos da história, principalmente, em países colonizados. Ademais, pode-se perceber que no início da comunidade só eram vistos pessoas brancas e pardas, homens gordos negros passam a compor o grupo, no entanto, sempre em minoria (Flauaus, 2018).

Cerqueira e Souza (2015), questionaram em sua pesquisa onde estava a negritude na comunidade ursina e sublinham que talvez a masculinidade valorizada na comunidade seja tradicional, branca e europeia. Flauaus (2018), corrobora a essa crítica, postulando que talvez essa invisibilização do negro gordo gay na comunidade ursina se dê pela falta de representatividade até mesmo nos “flyers” das festas e espaços bear’s.

Para o autor, o corpo gordo negro ora é invisibilizado, ora fetichizado por uma suposta “masculinidade selvagem”, “exótica”, na qual o objetificam sob a égide naturalizada de “gosto”. Seus entrevistados utilizavam o pretexto de “pelos corporais” para tentar justificar seus interesses por homens brancos. Os entrevistados negros de Flauaus (2018), embora aparentemente não percebessem, citavam como são fetichizados e precisam corresponder a hiperssexualização do corpo negro como um “cara ativo” e “ másculo”, uma vez que a “bixa preta” não era do “gosto” dos demais.

Neste sentido, se o gay gordo sofre duplamente discriminação e preconceito, o gay gordo preto sofre triplamente, mesmo em meio a uma subcultura gay. Além disso, o Flauaus (2018), faz um recorte de classe e retrata que talvez o acesso a esses espaços ainda fique limitado à classe média, visto que os aplicativos de encontro que costumavam organizar as atividades para a comunidade ursina requerem *smartphones* e acesso a internet, além da localidade onde os eventos acontecem geralmente se situam nos centros, dificultando o acesso de pessoas da periferia. O autor introduz o termo “amor marginal” para situar a forma como

corpos gordos são excluídos por terem pouco capital erótico. Em outras palavras, não possuem aquilo que a sociedade considera belo, atraente, com energia e vivacidade, doravante a isto suas maneiras de exercerem o amor são de forma “marginal” por estarem à margem daquilo que é tido como “normal” e “aceito”.

A questão amorosa também é atravessada pela constituição da masculinidade, uma vez que os homens foram impossibilitados social e culturalmente de vivenciar seu aspecto emocional mediante o amor e outras emoções serem considerados “coisas de mulher” e ao homem concerniria à racionalidade e o trabalho (Malcher, 2002).

Embora a “masculinidade hegemônica” tenha pressupostos de que homens não devam se envolver amorosamente devido o “sentir” ser tido como feminino (Gubert; Madureira, 2008), as masculinidades dissidentes têm como característica essa sensibilidade para as relações afetivas (Goméz, 2019).

Com relação a homens gordos, a perspectiva das relações amorosas é atravessada por características física, como a barriga masculina que já fora sinônimo de fartura e bom nascimento, passa a representar feiura, tornando o homem gordo indigno de ser amado e imputando-lhes regimes (Sant’Anna, 2016).

Assim sendo, caberá a investigação proponente nesta pesquisa considerando as intersecções citadas para melhor compreensão de como se constituem as distintas masculinidades de homens gordos e como elas se desdobram em suas relações e ainda quais os mecanismos de enfrentamento podem utilizar diante da gordofobia presente na sociedade, através da cultura, dos discursos de saúde e beleza e da mídia.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Refere-se a uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, utilizando-se de pesquisa de campo. A pesquisa descritiva, segundo Raupp e Beuren (2006), é geralmente utilizada para análise e descrição de problemas, bem como para descrever comportamentos e outros aspectos relacionados à determinada população que estiver sendo estudada.

A pesquisa teve abordagem qualitativa, tendo em vista que esta garante um estudo aprofundado acerca de uma ampla variedade de tópicos. Para Yin (2016), este tipo de pesquisa tem cinco características principais: pode estudar o significado da vida das pessoas no contexto que realmente vivem; representar as opiniões e perspectivas dos sujeitos de um estudo; abranger as condições contextuais em que elas vivem; contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou novos que podem ajudar a explicar o comportamento social dos indivíduos; além de poder utilizar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em somente uma.

Como esta pesquisa objetiva analisar vivências, a metodologia qualitativa se mostra pertinente, uma vez que possibilitará a produção conjunta de informações, através de técnicas específicas, seus sentimentos e pensamentos sobre determinado assunto, permitindo ao pesquisador compreender as atitudes, as crenças e os comportamentos dos participantes da pesquisa (Denzin; Lincoln, 2006).

Desse modo, a abordagem qualitativa as informações são produzidas de acordo com as percepções de cada sujeito que participam de uma metodologia, sendo que cada experiência vivida faz parte de uma realidade subjetiva que são fundamentais para a formação da pesquisa. Esse tipo de pesquisa metodológica não se preocupa com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão a partir de um grupo social, de uma organização, de um indivíduo que busca sempre o significado que os acontecimentos têm para cada pessoa (Patias; Hohendorff, 2019).

De acordo com Minayo (2012), este tipo de pesquisa busca entender os significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno estudado e parte do princípio de que o conhecimento é construído a partir da interação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, possuindo assim caráter interativo e interpretativo. No que tange a pesquisa de campo Flick (2009), ressalta que o campo de estudo deste tipo de pesquisa são as práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana, ela possibilita ter acesso às diversas perspectivas presentes nos participantes, parte dos significados sociais e subjetivos do sujeito.

4.1 Questões éticas em pesquisas com seres humanos

Toda pesquisa com seres humanos envolve algum risco e por isso esta pesquisa se compromete a seguir as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Assim, a pesquisa foi registrada no Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará sob o CAAE n° 72024123.1.0000.0018 e foi aprovada no parecer n° 6.291.528 em 11 de setembro de 2023.

Os princípios éticos que norteiam a realização dessa pesquisa estão pautados nos ditames da Resolução n° 466 de 2012 e na Resolução n° 510 de 7 de abril de 2016 (CEP). Estas resoluções dispõem sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os(as) participantes ou de informações identificáveis.

Destaca-se que a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B) por parte do entrevistado é condição para sua participação na pesquisa. O referido TCLE está de acordo com o previsto Art. 17 da Resolução n° 5010 de 17 de abril de 2016, que prevê a obrigatoriedade de explicar a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, bem como a informação acerca dos possíveis danos decorrentes da participação na mesma, além de apresentar as providências a serem tomadas pelo pesquisador responsável em decorrência do que a pesquisa poderá mobilizar no participante. Conteve também a garantia de plena liberdade do participante para decidir sobre seu ingresso e continuidade na pesquisa. Garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes, sem prejuízo algum e destacando os benefícios, quando houver. No TCLE foi garantido ao participante o acesso aos resultados da pesquisa, a informação do meu endereço de e-mail e contato telefônico, bem como explicação sucinta do que é o CEP, respectivo endereço, e-mail e telefone.

O TCLE foi assinado em duas vias pelo participante e pelo pesquisador, ficando uma via com cada. Cabe destacar que mesmo após ter assinado o TCLE e feito a entrevista, o participante foi informado que tem total liberdade de desistir de sua participação sem que haja nenhum ônus ou prejuízo e o referente material não será utilizado nas análises.

4.2 Participantes

Participaram da entrevista nove homens, embora o único critério de idade tenha sido ser maior de 18 anos, o público que participou da pesquisa tem idades entre 20 e 37 anos, se identificam como gordos e que já receberam algum tipo de diagnóstico de “obesidade”. São residentes de Belém e região metropolitana e aceitaram participar da entrevista por meio da

assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecimento (TCLE). Ao todo a pesquisa contou com nove participantes.

Tendo em vista a preservação do anonimato pedi que os próprios entrevistados escolhessem seus respectivos pseudônimos. Uma vez que, embora seja importante manter todo sigilo com relação as informações pessoais dos participantes, considero que seja importante que estes mesmos possam se ver na escrita final da pesquisa em que participaram. Por tratar-se de uma pesquisa que considera as interseccionalidades, tracei os perfis sociodemográficos dos participantes, para que a medida em que trechos das entrevistas forem surgindo na discussão a seguir, consigamos localizar de que lugar social o emissor fala. A fim de melhor visualizar estes perfis, produzi o quadro abaixo.

Quadro 1 – Perfil sociodemográfico dos participantes

PSEUDÔNIMO	RAÇA/ETNIA	ORIENT. SEXUAL	IDADE
Allkool	Indígena	Pansexual	25
Ariel	Branco	Homossexual	30
Bill	Negro	Bissexual	29
Carlos	Pardo	Homossexual	36
Daniel	Negro	Homossexual	31
Leão	Pardo	Bissexual	20
Marcela	Negro	Homossexual	28
Sérgio	Branco	heterossexual	37
Steven	Negro	Homossexual	26

Fonte: Elaborado pelo autor.

Embora o aspecto classe social seja relevante a análise, não consegui muitos elementos para identificar precisamente as diferenças de classe, uma vez que no questionário sociodemográfico pergunto apenas que recebe até um salário-mínimo, entre um e dois e mais que três salários. Tal aspecto impossibilita a classificação em tabela, mas os alguns trechos das entrevistas trazem essas diferenças à tona. Também é relevante analisar que a chamada para pesquisa ocorreu em ambiente virtual o que pode ter ficado inacessível a homens de determinadas classes que não tem acesso a internet ou aparelhos eletrônicos.

4.3 Procedimentos para produção de informações

O trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A). Este tipo de método de produção de informações é utilizado na pesquisa em psicologia para investigar os aspectos mais subjetivos, por remeter-se a um meio que permite a narração expressiva das experiências vividas pelos entrevistados. Além disso, pode ser norteada por questões disparadoras ou tópicos, possuindo roteiro formulado para atender aos objetivos da pesquisa, podendo ser do não estruturado até o estruturado (Barreira; Ranieri, 2013).

Ademais, a entrevista é um instrumento amplamente utilizado em pesquisa de campo porque estreita a comunicação relacional com o sujeito entrevistado. No entanto, é necessário que o pesquisador tenha iniciativa de diálogo e uma escuta efetiva e empática para com o entrevistado a fim de que este se implique no diálogo e assim possa fornecer as informações relevantes para o objetivo da pesquisa (Minayo, 2012).

Nesta pesquisa as entrevistas aconteceram a partir de um roteiro semiestruturado. As entrevistas semiestruturadas possuem perguntas abertas e fechadas, sendo articuladas para melhor produzir informações sobre a temática requerida. O roteiro das entrevistas foi elaborado para atender aos objetivos da pesquisa. Destaca-se que, primeiro pela fala livre dos entrevistados, sendo o roteiro apenas um disparador para as questões a serem investigadas.

Há neste tipo de entrevista um enorme dinamismo que permite o pesquisador acrescentar perguntas para além das que foram definidas inicialmente a fim de conduzir a entrevista ao objetivo do estudo, além de elucidar questões que não fiquem claras, podendo também retomar a temática central caso o entrevistado se distancie do assunto abordado (Boni; Quaresma, 2005).

As entrevistas ocorreram em duas modalidades, presencial e virtual. Apenas dois participantes optaram pela modalidade presencial, o local foi escolhido por eles, para que se sentissem confortáveis e tivessem garantia de sigilo e segurança. No entanto, as demais entrevistas ocorreram de forma virtual, pela plataforma “Zoom”. A escolha dessa plataforma se deu por ser criptografada de ponta a ponta, garantindo a segurança das informações compartilhadas na entrevista e possui recurso de áudio e vídeo. Nesta modalidade, os entrevistados tinham acesso a computador ou *smartphone* com acesso à internet, e garantiram no momento da entrevista estar em um ambiente que assegurava privacidade e sigilo para compartilhar as informações.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, o tempo de duração foi de em média 30 minutos. Também fiz uso de um bloco de notas para registrar as possíveis informações relevantes e que não possam ser apreendidas por meio das entrevistas e fala direta dos sujeitos, com o objetivo de tornar o trabalho de campo mais proveitoso.

Para ter acesso aos participantes da pesquisa utilizei inicialmente a estratégia de chamada pública para convocar os possíveis participantes. A divulgação foi feita em meio virtual com um informativo-convite para ter acesso ao público-alvo deste estudo. Este informativo-convite foi compartilhado em meu perfil profissional no *Instagram*, e em páginas e grupos de estudos que discutam sobre a temática em redes sociais. No informativo-convite continha o título da pesquisa, uma breve informação sobre a pesquisa, seguida do objetivo geral,

além de meu nome, enquanto pesquisador e contato telefônico para prestar mais informações acerca da pesquisa. Continha também um *link* para que os interessados preenchessem com nome, telefone e e-mail, por onde fiz o primeiro contato com eles. A divulgação começou após o parecer aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, esse processo será mais bem detalhado no item 4 acerca dos procedimentos éticos.

No primeiro contato foi averiguado a preferência do participante acerca da modalidade da entrevista (presencial ou virtual), foram informados os aspectos éticos da pesquisa dando-lhes acesso ao TCLE e, após sua assinatura, marcávamos a entrevista conforme sua disponibilidade. Como técnica secundária de acesso aos participantes, após a entrevista pedi indicação de nome e telefone de outros possíveis participantes. Esta técnica é denominada “snowball sampling”, também conhecido como “Bola de Neve”, e consiste em uma captação de participantes, na qual os sujeitos que são convidados a participar da pesquisa sugerem os novos participantes e assim sucessivamente, até que as informações produzidas possam alcançar os objetivos a que a pesquisa se propõe (Baldin; Munhoz, 2011).

4.4 Análise do material

Após entrevistar todos que demonstraram interesse e disponibilidade, dei início à análise do material. Primeiramente transcrevendo todas as entrevistas, e posteriormente fiz uma primeira leitura do material produzido, mas não houve necessidade de descarte.

Para a análise das informações produzidas nas entrevistas utilizei a técnica de análise do conteúdo (AC), a fim de encontrar as ideias referentes as questões norteadoras e através disso, articular o conhecimento sobre a temática com o contexto que será trabalhado.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2016), caracteriza-se pelo conjunto de técnicas para analisar a comunicação, além de visar obter por meio de procedimentos sistematizados e objetivos de descrição, o conteúdo que comparece nas mensagens, indicadores que podem ser quantitativos ou não, que permitam à inferência de conhecimentos relacionados às condições de produção e/ou percepção destas mensagens.

Para Bardin (2016), esse processo deve ser cauteloso devido à diversificação e a aproximação terminológica, de forma que a autora classifica este método, como dividido em três etapas, que são respectivamente:

- **Pré-análise:** lê-se de forma a identificar e avaliar os conteúdos adquiridos, verificando se há conexão entre estes e os objetivos do estudo.

- **Exploração do material:** o conteúdo passa pela decomposição e normatização do texto, organização das ideias e exploração do material. Esta fase tem por objetivo, encaminhar gradualmente a essência das mensagens.
- **Resultados obtidos e interpretação dos dados:** avalia-se o conteúdo através do discurso e utiliza-se indicadores em forma de unidades de registro.

Após a realização da Análise do Conteúdo (BARDIN, 2016), emergiram três categorias de análise: “É mais fácil falar sobre ser gordo do que sobre ser homem”; “É basicamente igual roupa, pode não ser o que você gosta, mas você tem que levar”; “É o meu corpo! É o que eu tenho”: formas de sofrimento e enfrentamento vivenciadas por homens gordos. Estas serão discutidas nos capítulos a seguir.

5 “É MAIS FÁCIL FALAR SOBRE SER GORDO DO QUE SOBRE SER HOMEM”

Há só um tipo de homem que não tem nada do que se envergonhar: um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes (GOFFMAN, 1988, p.109).

Escolhi a clássica citação de Goffman (1988), para iniciar essa categoria para elucidar como a forma de subjetivação masculina inclui elementos para além do gênero. Embora mulheres gordas sofram muito mais cobranças sociais pela cultura patriarcal e machista, conforme pode-se ver na tese de Jimenez-Jimenez (2020), entre diversas outras publicações, é notório que algumas dessas cobranças perpassam os homens gordos e pode ser produtor de sofrimento para estes, uma vez que podem não alcançar alguns destes requisitos. Tal perspectiva pode ser vista em algumas falas dos entrevistados como Daniel, que diz

Eu vejo uma pessoa com o corpo X com um emprego tal, uma relação estável, tudo isso cria uma situação na nossa cabeça de que “poxa aquele ideal ali é o que eu quero(...)”. A imagem do ‘homem ideal’ cria na nossa cabeça que se eu for daquele corpo, se eu tiver aquela postura, eu vou ter as mesmas coisas.

Outro relato semelhante é o de Leão, que fala sobre um tipo de homem: “magro, alto, musculoso e normalmente tem condições. Aparentemente vive uma vida maravilhosa, ao lado de sua esposa, ou solteiro, vendendo plataforma digital por aí”. Dessa forma, não responder a essas exigências sociais é ser menos homem.

Nesta perspectiva, algumas falas dos entrevistados elucidaram que seus ideais de masculinidades ainda estavam associados ao que Kimmel (1998), considera “masculinidade hegemônica”, como se observa na fala de Bill: “o homem precisa ser sisudo, precisa ser grosso, mal-educado etc. (...). Homem peludo, másculo, voz grossa, comportamento mais sisudo, frio às vezes, e eu acho que é isso”.

Marcelo, por sua vez, questiona o modelo de homem que em sua visão é imposta pela sociedade: “a gente tem de masculinidade muito do que a sociedade tem! Do que a sociedade traz sobre ser másculo, ser forte, de ser grosso, de não chorar, ser ganhão”. Para os entrevistados essas características eram repassadas ou cobradas por outros homens. Neste sentido, Leão salienta o que começou a aprender quando passou a conviver com o pai:

eu vim a entender mais sobre o que seria ‘ser masculino’, a se comportar, ter outras atitudes, como não falar fino e coisas do tipo, que a cultura aplica em nosso cotidiano (...) homem é aquele que tem barba, não se depila, fala grosso e tem mulheres ao seu redor. (...) Ah, o homem não pode vestir rosa, nem escutar música pop, não pode usar maquiagem, não deve assistir tal coisa, não pode apoiar o feminismo. O homem tem que ser o patrão da casa; o ritmo dele é trabalhar e prover o sustento da casa, enquanto a mulher cuida da casa” (Leão).

Dessa forma, reitera-se a afirmação de Korin (2001), de que a “masculinidade hegemônica” é validada a partir da observação e aprovação de outros homens, o que coloca o homem gordo em um lugar de avaliação, uma vez que seus corpos já não possuem algumas características tidas como masculinas (algumas dessas serão discutidas de forma mais aprofundada no tópico a seguir).

O entrevistado Steven, por exemplo, não consegue ficar em “aglomerados de homens”, independente de suas orientações sexuais. Algo que para maioria de homens é comum, seja em quarteis ou vestiários masculinos, para ele é desconfortável: “não consigo tomar banho com outros homens, tipo no mesmo banheiro, como a maioria consegue. Para mim acaba sendo constrangedor, de outros homens olharem e comentarem” (Steven).

O entrevistado ainda ressalta como sente que ser um homem gordo afeta sua masculinidade: “Mas ser gordinho afeta a masculinidade porque a sociedade já impôs um modelo de homem que é o homem grandão (no sentido de musculoso), forte, com voz grossa. Aquele homem que tem algo a mais no quesito sexual” (Steven). Logo, para homens gordos, este lugar de observação e constante avaliação de sua masculinidade, pode ser produtora de sofrimento.

Para Korin (2001), esse suposto padrão coloca aqueles que não o alcançam em um nível de inferioridade, produzindo reverberações sobre homens gordos, como a sensação de deslocamento percebido na fala de Daniel: “eu me via totalmente fora do padrão de outros meninos. Sempre foi assim”. Ou ainda de não pertencimento, como na fala de Carlos: “por toda vida tive amizade com mulheres, justamente por eu não gostar de estar nesse meio (de homens), eu sempre achei um pouco tóxico demais, uns assuntos assim que não tinha nada a ver com o que eu gostava de falar”. Carlos ainda acrescenta que embora seja homossexual, tem uma visão de homens muito negativa: “eu sempre enxerguei os homens de uma forma negativa, aquela coisa sabe, sexualmente me atraio, mas se eu pudesse eu não seria gay, não gostaria de me envolver”.

Para o participante Allkool, algumas dessas cobranças sobre ser homem se manifesta no corpo: “Um exemplo são os pelos, barba, corte do cabelo, até a forma de se vestir ou se comportar”. Talvez isso represente o que Connel (1995), quis dizer ao afirmar que a masculinidade é corporificada sem deixar de ser social. Allkool diz, ainda, que compreende a masculinidade como “performance”, retomando o caro conceito de Butler (2018). Para ele, esse construto de masculinidade pode ser perdido a medida em que o sujeito apresenta certas características, como ser gordo, o que o expõe a possibilidade de sofrer violência por parte de outros homens:

a partir do momento que eu deixar meu cabelo crescer eu vou perder um pouco da minha masculinidade; isso me colocar em uma situação de sofrer possível violência na rua. Até meu cabelo, se ele está rosa, ele já não representa símbolo de masculinidade (...). Também estou suscetível a um tipo de agressão porque eu não represento essa masculinidade em outros aspectos. Ser gordo pode ser um desses também (Allkool).

Isso ocorre devido ao local de dominação masculina em homens. Na busca de responder a um ideal de masculinidade, são incitados a exercer poder sobre os outros, sejam homens ou mulheres, principalmente através da força, um lugar de atividade se opondo a passividade, para “ser mais homem” (Gomes, 2008). Homens gordos são colocados nesse lugar de feminização, por terem gordura em excesso, o que no imaginário social é “coisa de mulher”.

Isso pode ser evidenciado na fala do participante Bill, relatando que “não era comum homens gordos, ou grandes, a questão de ser grande era mais das mulheres”, o que quiçá elucide a frase de Sant’Anna (2016), que dá título à essa dissertação: “Gordura não é coisa de macho”. Assim, homens gordos estão nesse lugar de “dúvida” ou de “inferioridade”, por também serem atravessados pela constituição social da “masculinidade hegemônica” e pela gordofobia como violência estrutural.

Ainda segundo o entrevistado, o homem da atualidade não pode estar associado a características tidas socialmente como femininas: “O homem hoje em dia não pode se vestir de maneira mais colorida, com cores diferentes, e não pode apresentar roupa que tecnicamente, na cabeça de muita gente é roupa feminina” (Bill).

Tal ideia corrobora com Kimmel (1998), ao postular que a “masculinidade hegemônica” se reafirma a partir da negação de que tudo é considerado feminino. Dessa forma, o homem gordo estaria em um lugar que, segundo Piñeyro (2016), e Tovar (2018), é socialmente feminilizado, simplesmente por ter atributos corporais que a sociedade tem como “femininos”, por exemplo, ter seios e curvas protuberantes. O que será discutido no subtópico a seguir.

5.1 “Você deveria usar sutiã”: a “feminização” do homem gordo

O padrão de corpo imposto socialmente pela “masculinidade hegemônica”, e denunciado por Oliveira (2004), compareceu em alguns dos relatos, tais quais: “o padrão que eu digo é aquele imposto pela sociedade. Corpos sarados, de academia, barriga definida, músculos aparentes” (Ariel); “Um corpo mais estruturado, musculatura firme (...) ter traços corporais em relação ao corpo masculino, diferente do corpo feminino, questão de porte físico” (Steven).

Logo, ser um homem gordo é passar por um processo de feminização que o deixaria passível de ser “dominado” por outros homens devido a seus atributos corporais (Gomes, 2008). A este respeito, falas como a que deram título a esse subtópico foram citadas pela maioria dos entrevistados. Para eles, a “masculinidade hegemônica” não somente dita comportamentos pelos quais pode-se identificar corpos de “homens de verdade” como também os seleciona por seus atributos físicos (Damatta, 1997; Bourdieu, 1998; Gomes, 2008). Tal fato pode ser evidenciado nos relatos a seguir:

Eu não ter músculos, de eu ter um peito mais protuberante, as pessoas dizem que você precisa usar sutiã, dizem que você precisa usar uma camisa, top. Isso acontecia muito com os meninos, embora eu nunca tenha tido muita amizade masculina (Carlos).

“Ah, tu tens peito de mulher, teu peito é grande parece que está amamentando. Tá gravido de quantos meses?” (Leão).

Desde criança (...) com algumas características femininas, sempre me associavam a isso. (...) Eu tinha coxas grossas, bunda avantajada, um dos meus apelidos era bunda de tanajura. Eu tinha um pouco mais de seios, glândulas mamárias, então essas características levavam a fazerem essas comparações (Sérgio).

A fala de Sérgio também remonta a questão de que homens gordos, por serem comparados com mulheres, são submetidos a algumas violências que podem se aproximar das violências de gênero que estas sofrem diariamente.

Além de serem considerados “menos homem” por ter um corpo gordo, as características ditas socialmente como “femininas” colocam o homem gordo em lugar de “passividade”, trazendo à tona a dominação, isto é, Kimmel (1998), postula que a “masculinidade hegemônica” impõe sobre outras masculinidades e, inclusive, imputando-lhes a sofrer violências as quais historicamente homens praticam com mulheres, como o assédio sexual e outras formas de violência como exclusão, constrangimento, entre outras.

Outro aspecto que reverbera nas masculinidades de homens gordos é o fato de terem que esconder as características tidas como “femininas” para não serem submetidos às violências citadas anteriormente, pois no imaginário machista e gordofóbico, essas características são colocadas como vergonhosas. Assim, se um homem de corpo “normal”, ou seja, dentro de parâmetros sociais de “normalidade” (como por exemplo, IMC entre 20 e 24,9) pode andar sem camisa, ou mesmo ficar de sunga em uma praia sem preocupações, homens gordos são desde cedo tolhidos deste hábito, como apareceu nas falas a seguir: “eu ia pra praia era com sunga e camiseta pra cobrir barriga, peito” (Steven); “A gente tem a dificuldade de tirar a roupa, por exemplo, tirar a camisa, isso causa constrangimento porque as pessoas te notam, te olham diferente” (Carlos); “Porque eu não podia escolher uma roupa mais confortável porque ia

aparecer muito meu peito ou minha barriga” (Allkool); “Na questão de vestimenta, na praia, na piscina, eu não me sinto bem até hoje, de ficar sem camisa” (Daniel).

Embora identifiquem esse padrão de corpo masculino “ideal” para “masculinidade hegemônica”, alguns participantes retratam que existem formas diferentes de ser homem, pondo em relevo a diversidade de corpos masculinos, assim como de masculinidades (Connel, 1995), como é citado por Bill: “Que o homem não precisa estar em um corpo típico de um padrão, que a sociedade tem um padrão e outras pessoas podem ser homens de uma forma diferente”.

A influência que o padrão corporal recebe da mídia e das indústrias (estética, cosmética, farmacológica etc.) fora denunciado por Sant’Anna (2016), e pode ser vista nas falas como a de Sergio: “o padrão é feito pela mídia, pelo mercado estético, aquele corpo musculoso, alto, definido, mas é um padrão empregado pela mídia(...); “mulher tem que ser assim e homem assim”. Ou ainda na fala de Daniel: “existe um padrão de corpo a ser seguido; está lá um padrão imposto, nas mídias sociais, novelas, séries, filmes, propagandas”.

Para Oliveira (2004), este aspecto corporal também atravessa outros pontos da construção social das masculinidades, sobretudo a hegemônica, pois este é o incentivo que homens recebem desde a infância à prática de esportes e ao atletismo. O corpo gordo, por outro lado, desde muito cedo sofre processos de exclusões ou experiências aversivas com a prática de esportes, colocando em tela outro conflito que fora relatado pelos entrevistados e que será tratado no tópico a seguir.

5.2 “Sua barriga tá balançando”: uma questão sobre homens, esportes e gordura

Oliveira (2004), trata acerca da relação histórica que há entre certos esportes e a ideia hegemônica de masculinidade, na qual o “corpo atlético” é sinônimo de virilidade e coragem, fazendo do esporte um instrumento de validação da “masculinidade”. Logo, o homem gordo se afastaria desse corpo ideal, sendo alvo tanto de machismo como de gordofobia.

Elenca-se como os esportes são compulsoriamente colocados para as crianças e adolescentes gordas(os) com o intuito de emagrecê-los(as), como nos relatos a seguir: “então desde criança a minha família sabia que eu ia ser gordo, e sempre me colocaram pra fazer esportes” (Bill); “Minha adolescência foi toda tentando emagrecer com exercícios” (Marcelo); “Eu fazia exercício (...) buscava uma vida “saudável” não porque eu queria ser saudável, mas porque eu queria emagrecer” (Leão).

Abro um espaço aqui para questionar qual este conceito de “saudável” que é impregnado socialmente como “fazer atividades físicas para o emagrecimento”, mas não denuncia o quanto a discriminação, exclusão e preconceito não são saudáveis e geram

sofrimento, por vezes, levam pessoas gordas a morte. Tal questão investiguei em minha pesquisa anterior, evidenciando como a gordofobia reverbera na saúde de pessoas gordas (Modesto; Teles; Ribeiro; Alvarenga, 2023).

Além disso, nestes espaços em que se deveria “fazer exercícios” homens gordos são rechaçados, passando por experiências de exclusão e inferiorização, tornando-se espaços aversivos. O que se pode ver: “Acho que me machucavam em brincadeiras de esporte, sempre é alvo de piada, correr, “ah teu peito tá balançando, tua barriga tá balançando” isso é constrangedor né” (Allkool); “Quase que diariamente sofria bullying pelo peso, por ser uma criança gorda. De ser excluído de atividades físicas na escola” (Marcelo). Tais violências eram praticadas não só pelos pares, mas também por professores como no relato de Leão: “Normalmente a gordofobia mais pesada foi dos meus professores, o de educação física. A gente nunca foi chegado a jogar futebol, mas certo dia um dos professores chegou dizendo que não jogávamos porque se jogássemos seríamos a bola”.

Este aspecto tem reverberações diversas na relação que homens gordos terão com atividades físicas, por exemplo, a sensação de não pertencimento, como na fala de Daniel: “Aqueles meninos que tinham envolvimento com atividades físicas, que jogavam bola, que participavam mais firmes na educação física, tinham uma estrutura corporal magra, eram magros, né” (...) eu não me encaixava ali naquele espaço”. Em outros, como Marcelo, a sensação era de que não conseguiria, conforme diz: “eu fico pensando ‘será que vou conseguir fazer aquela atividade?’.”.

Também é possível ver um afastamento das atividades físicas atenuado por Marcelo: “Por isso, eu não era uma criança ativa, de jogar futebol, eu sempre fiquei muito mais com mulheres”. Porém, última colocação de Marcelo ressalta como ainda há um imaginário de que certas atividades físicas são práticas estritamente “masculinas”, o mesmo ocorre na fala de Sérgio, que associa preparo físico a homens, porém, enquanto homem gordo se vê tendo menos preparo que algumas mulheres: “Porque eu no momento tenho um preparo físico menor que muitas mulheres por aí”.

Neste ponto, pode-se perceber que mesmo a gordofobia em homens ser uma questão que tem origem na misógina (Tovar, 2013), ela não nega os privilégios que esses homens podem ter, tendo em vista, que homens gordos também podem reproduzir ideais machistas, com falas de inferioridade, quando são comparados a mulheres, assim como nos trechos citados acima. Outra parcela, porém, recorre a ambientes “femininos” a fim de evitar vivências gordofóbicas e machistas.

Talvez o que possa fazer esta distinção dos processos de constituição dessas masculinidades são aspectos interseccionais, uma vez que esse comportamento de se aproximar de mulheres como mecanismo de fuga ou enfrentamento do machismo e gordofobia foi citado por homens gordos pertencentes a comunidade gay, bissexual e pansexual (o que será melhor tratado no item 6.3), maioria dos entrevistados na pesquisa, por sinal.

Neste sentido, trechos pertencentes a essa categoria também denunciam a cisheterossexualidade compulsória (Gomes, 2011), na qual homens de modo geral são submetidos para “provar sua masculinidade”, uma vez que não atendem ao requisito do corpo ideal e da prática de “esportes masculinos”, ou seja, deixam de ser homem e se tornam “bixas”, evidenciando a fala de Leão: “porque a gente era gordo e não gostava de futebol aquilo interferia na nossa orientação sexual (...). No episódio do futebol o mesmo professor teve outra atitude dizendo que a gente não gostava de futebol porque a gente era bixa.”

O participante Allkool pontua dupla estigmatização, por ser um “gordo viado”, que dá nome ao próximo item e tratará a respeito das intersecções que perpassam homens gordos e podem interferir tanto na forma como vão vivenciar a gordofobia como na constituição de suas masculinidades.

5.3 “Gordo viado”: questões interseccionais e violências cruzadas

As falas deram origem à essa categoria denunciam a gordofobia como uma violência interseccional (Santos, 2022). Dessa forma, questões de raça, gênero, orientação sexual, classe, entre outros aspectos podem influenciar na forma como as pessoas vivenciam a gordofobia. Além da gordofobia, outras violências como o racismo, a LGBTfobia e classismo também foram evidenciadas nos relatos dos participantes, assim como o cruzamento dessas violências e suas reverberações nas masculinidades.

Destaca-se ainda que através da tabela sociodemográfica pode-se observar que somente um entrevistado se identifica com a cisheterossexualidade, talvez pelo fato de eu enquanto homem gordo e bissexual, possa ter alcançado melhor a população gay, bissexual e pansexual, tomo perspectiva que nenhuma produção de saber é neutra, conforme Foucault (2010), nos permite analisar todo saber é político, logo este também é o intuito desta pesquisa, ressalta-se que somente dois entrevistados se identificaram racialmente como brancos, aspecto que será melhor discutido nesta mesma categoria adiante.

A primeira questão a ser analisada é a que dá título a este item, conforme já mencionado acima, homens gordos que tem a orientação sexual gay, bissexual ou pansexual tendem a sofrer tanto a homofobia quanto a gordofobia, tendo sua masculinidade colocada em

dúvida por não corresponderem às expectativas da “masculinidade hegemônica”, seja pelos seus corpos não serem “atléticos” (Oliveira, 2004), seja por não vivenciarem a “cisheterossexualidade compulsória” (Gomes, 2011).

Este aspecto pode ser visto no questionamento de Steven: “Talvez um homossexual seja tanto homem quanto um cisheterossexual, só muda a orientação sexual”. Ou como a Ariel: “então esse tipo de rejeição acontecia por eu ser gay afeminado, ou por não está em um corpo padrão”. O trecho “gay afeminado”, citado por Ariel retoma o sofrimento de homens gays que não se sujeitam a cisheteronormatividade (Kimmel, 2013), que na atualidade é vista até mesmo entre homossexuais (Defendi, 2022). No relato de Carlos também se pontua como a gordofobia atravessa esse processo:

Essa masculinidade é essa essência de mostrar que é macho, tem pelos, não pode ser um gordo afeminado, não pode ser um urso afeminado (...) eu nunca deixei me aproximar [de ciclos de homens] por conta de ser gordo, de ser “afeminadinho” e ter o peito protuberante e tinha toda aquela brincadeira pejorativa (Carlos).

Ademais, o relato de Steven comprova a denúncia desta cisheteronorma pontuando que o ideal de homem que a sociedade produz é aquele que “tem mulheres ao redor” ou que Marcelo cita como “o garanhão”. Allkool acrescenta: “No caso a masculinidade sobre o homem ser garanhão né, sobre ter várias relações, sobre ser um cara viril, não só no aspecto social, mas no sexual” e ainda denota como essa cobrança comparece cedo através de familiares, na afirmação “vinha mais dos meus tios né, sobre ser pegador, ah está namorando” (Allkool).

Para Leão, essa lógica é homofóbica, conforme relata: “Além disso, ainda tem a questão da homofobia, quando a sociedade diz o que que o homem faz e o homem não faz”. A este respeito, Carlos diz que esta preocupação em demonstrar a suposta “masculinidade” e fugir de tudo que parece feminino advém do fato de crescermos sob essa cisheteronormatividade, que atravessa, inclusive, o aspecto afetivo, como se lê tanto no relato de Carlos como no de Allkool:

Mas ainda existe isso sabe, a gente cresceu em um meio hetero, que a gente tem dificuldade de demonstrar coisas, chorar, sabe de demonstrar até a feminilidade, por ser gay e andar com outros gays e não demonstrar essa feminilidade, “ah o afeminado” ainda tem toda essa preocupação (Carlos).

Essa questão sempre foi problemática pra mim, sobre o que é masculino, o que o masculino pode, até quando tu ser sensível ou ser gay vai fazer tu deixar de ser macho (Allkool).

Allkool elenca ainda a cobrança que há sobre homens gays performarem “o macho”, o que se pode ver no trecho: “Não é porque eu sou gay que eu deixo de ser homem”. Assim o homem gordo gay vivencia formas de sofrimento e estigmatização associadas ao corpo e a

sexualidade, o que pode justificar ser este o público majoritário entre os interlocutores da presente pesquisa.

Outro aspecto que merece atenção é a questão da classe social, ou seja, o lugar que o homem gordo pode ocupar caso possua um poder aquisitivo maior. Em um trecho de sua entrevista, Allkool demonstra que mesmo em festas que supostamente são de homens gordos, as relações se dão em um nível de classe social: “existe uma diferença de classe social que limita as conversas e que acaba meio que classificando quem vai ser amigo de quem nessas festas”.

Para Meirelles (2022), a questão do poder aquisitivo também interfere na constituição das masculinidades, uma vez que para a “masculinidade hegemônica”, ter dinheiro significa ser um “homem de sucesso”. De outro lado, possuir boas condições financeiras pode dar a homens gordos a possibilidades de subverter algumas formas de gordofobia, como no relato de Carlos, que devido a vivências de gordofobia em transportes coletivos, recorreu a táxis e a aplicativos de locomoção: “depois disso, eu não voltei a andar de ônibus. Foi o período em que eu estava na faculdade, aí surgiu o Uber, mas antes disso eu pegava só táxi”. Contudo, questiono: e o homem gordo que não tem essa condição financeira de usufruir destes serviços, como faz para lidar com isso?

Allkool, também denuncia o quanto alguns debates como gordofobia, racismo, identidade de gênero etc. ainda são elitistas e não alcançam determinadas populações quando afirma: “porque não são debates que chegam até a gente” (referindo-se a populações periféricas).

Retomando a ideia de “homem de sucesso”, o participante Leão diz que a mídia tem influência sobre a promulgação dessa suposta forma de ser homem, que em geral inclui ter um corpo magro, musculoso, ter condições financeiras e uma mulher ao seu lado, pondo em relevo as intersecções já citadas. Já Daniel, acrescenta que além dos corpos definidos e condições financeiras, o modelo de homem que a mídia impõe geralmente é um homem branco, trazendo para o debate a questão da raça.

Neste quesito, dois relatos foram mais explícitos sobre como este contexto atravessa homens gordos negros. Além do relato de Daniel citado acima, Steven pontua ter sofrido rejeições amorosas não apenas por ser gordo, mas por ser negro, conforme diz: “sentia essa rejeição, não somente por ser gordinho, mas também por ser negro”.

Tal relato, explicita como o racismo entrecruza com a gordofobia e os ideais de masculinidade reproduzidos historicamente, a começar pelo processo colonial que atravessa as masculinidades de homens negros fazendo com que se espere deles corpos esculturais, “furor

sexual” e outros “atributos” (Vigoya, 2018), dos quais homens negros gordos não alcançariam, aumentando processos de exclusão e estigmatização.

O que também se observa nas comunidades ursinas (cujo termo será melhor detalhado adiante), no qual os “blackbears”, homens gordos negros, ainda passam por exclusão, invisibilização e outros (Flauaus, 2018), fato ratificado em outro momento da entrevista em que Steven ressalta que não se sente à vontade nas festas dessa comunidade, que supostamente aceitaria todos os corpos.

Também não se pode esquecer que essas formas de violência se cruzam ao longo da vida dos sujeitos, a ponto de que em alguns momentos não se pode distinguir se o que ele está vivenciando é por racismo, gordofobia, classismo ou homofobia, por isso, talvez a ausência de mais relatos sobre o aspecto raça, denotando inclusive a necessidade de pesquisas com essa especificidade.

6 “É BASICAMENTE IGUAL ROUPA, PODE NÃO SER A QUE VOCÊ GOSTA, MAS VOCÊ TEM QUE LEVAR”: SOBRE A SEXUALIDADE DE HOMENS GORDOS

As falas que deram origem a esta categoria dizem respeito à relação ambígua que pode existir com relação a gordofobia nos relacionamentos amorosos e sexuais de pessoas gordas, mais especificamente como homens gordos tem vivenciado essa questão. Se por um lado homens gordos são desejados sexualmente, por outro isso só acontece “no off”, pois amorosamente são preteridos. Tais aspectos serão discutidos nos dois subtópicos a seguir.

6.1 “Não, não gosto do seu tipo”: a gordofobia e o preterimento amoroso

Embora Piñeyro (2016), em seus estudos sobre gordofobia e gênero tenha constatado que no contexto amoroso o homem gordo possa receber *status* de protetor e forte, os homens gordos que participaram desta pesquisa, quase que unanimemente relataram se sentirem preteridos em relações amorosas. E semelhante ao que disse Tovar (2018), sobre mulheres gordas buscarem emagrecer para serem assumidas em relações amorosas, o participante Ariel conta que quando estava magro, ouviu de seu companheiro da época que não teria ficado com ele se ainda fosse gordo:

Um garoto falando que se ele tivesse me conhecido na época que eu era gordo ele não ficaria comigo. Acredito que isso seja gordofobia, né?! Ele falou abertamente que se eu fosse gordo ele não ficaria comigo (Ariel).

Um estudo de Austen, Bonell e Griffiths (2022), identificou como corpos magros e musculosos tem sido valorizado na comunidade gay, em preterimento a corpos gordos, isso porque, como dito, a gordura tem sido considerada pouco masculina, desviando do suposto padrão de masculinidade que a sociedade tem imposto e tem sido cada vez mais requerido no meio gay. Dessa forma, as autoras afirmam que homens gordos pertencentes a “minorias sexuais” são mais cobrados no sentido de corporalidade e gênero. Ariel diz que, em alguns momentos, sabia que aquela rejeição ocorria devido ao seu corpo, relata:

Então já tiveram situações que eu senti que levei um fora que podia ser pelo meu corpo. Parando para pensar sobre, cheguei à conclusão que era pelo meu corpo sim. Não abertamente, dizendo: “não fico contigo porque você é gordo”, mas eu sabia que não era aquele tipo que ele estava procurando (Ariel).

Marcelo, por outro lado, já ouviu abertamente: “nunca é algo direto ‘não quero porque você é uma pessoa gorda’ Não! Minto, já teve. Já aconteceu com essas palavras”. Já na percepção de Steven, as pessoas procuram desculpas como: “não é do tipo que gosto” entre outras para justificar, no entanto, este já consegue perceber que é por isso, conforme alega: “A pessoa dá uma série de desculpas e tudo mais, mas eu já tinha sacado, não tinham outros fatores que justificassem”. O que também pode ser visto no relato de Bill:

Porque ele falou que não estava preparado para esse tipo de coisa, pensou que fosse outra pessoa. Achou que era uma pessoa magra e quando ele me encontrou pessoalmente, falou que eu era uma pessoa gorda, por isso não fazia o tipo dele.

Ainda que a maior parte dos relatos se trate de relações homoafetivas, tanto o participante Sérgio, cisheterossexual, quanto os bissexuais, ou mesmo os que se identificam como gays, mas já tiveram relações com pessoas do gênero feminino, relataram que também existia preterimento nessas relações. Para Bill, por exemplo as relações com mulheres costumavam ter mais essa cobrança do que com homens, como relata:

Homens padrões sempre agradaram mais as companheiras femininas que já tive(...). É uma questão social, porque se for um padrão agradável para sociedade, a companheira ou companheiro se sente em um certo *status*. Mas para um gordinho é diferente, não só para mulher, mas com mulheres é mais difícil (Bill).

A experiência de Bill, no entanto, pode também denotar outra problemática: a bifobia. Sefner (2016), e Brito (2023), vem pontuando esse preconceito em relações de homens bissexuais com mulheres, de forma que algumas destas passem a requerer ideais de masculinidade que advém da cultura patriarcal e machista, sendo as masculinidades bissexuais consideradas subalternas, fazendo com que estes homens sejam vistos como “confusos”, “indecisos” e como “afeminados”.

Desse modo, pode-se observar o que disse Lima (2022), que relações cisheterossexuais, bissexuais e homossexuais são atravessadas pelo patriarcado, logo, existirá

essa cobrança de que o homem performe a “masculinidade hegemônica”, e se ele se afasta disso, será rejeitado. Neste sentido, Ariel disse: “esse tipo de rejeição acontecia por eu ser afeminado, ou por não está em um corpo padrão” (Ariel).

Sérgio, também percebeu a cobrança sobre o corpo quando estava conhecendo uma mulher, e percebeu que mesmo conversando bem, em “boa sintonia”, só podiam se ver em lugares escondidos: “Não foi explícito, mas eu fiz a leitura pelo fato de que nós conversamos muito virtualmente e quando íamos nos encontrar tinha que ser escondido, jamais em público”.

Neste sentido, Santos (2021), fala sobre a questão da validação que homens gordos cisheterossexuais buscam em relacionar com mulheres com corpos padrões para se aproximarem do que é tido como “homem de sucesso”, o que pode ser evidenciado na entrevista de Sérgio, ao pontuar que a mulher em questão era magra e pertencia a ambientes “*fitness*”. Contudo, retomo a necessidade de pesquisas que priorizem esse público para melhor compreender esse processo.

Austen, Bonell e Griffiths (2022), elencam que a forma como a gordofobia afeta homens gordos cisheterossexuais se difere de como homens gordos pertencentes a “minorias sexuais” são afetados. A respeito de homens gordos cisheterossexuais, Santos (2021), expõe que estes não costumam reconhecer a gordofobia e se implicar em combatê-la, pois isso implicaria reconhecer uma vulnerabilidade, o que não é permitido pela masculinidade supostamente hegemônica.

Outro aspecto que fora citado sobre as relações amorosas foi como essa rejeição também ocorre em ambientes virtuais. Tanto Daniel, quanto Leão relataram um comportamento típico que percebem nos aplicativos de relacionamento: a pessoa demonstra um certo interesse, começam uma conversa, mas quando trocam fotos, principalmente mostrando o corpo, são bloqueados, ou mesmo recebem xingamentos, conforme diz Leão: Ainda tem os aplicativos de relacionamento e encontros, já sofri gordofobia por lá (...). Chegavam, ofereciam a proposta e depois negavam, bloqueavam, ou então vinham os xingamentos cheios de ódio”.

Medeiros (2018), disserta sobre como aplicativos de relacionamento, como “Grindr”, são utilizados por pessoas de masculinidades diversas, todavia, mesmo assim, uma performance masculina passa a ser mais procurada, a que mais se aproxima da “masculinidade hegemônica”. Assim, embora não seja o único critério de preterimento no aplicativo, a questão do corpo é uma das maiores razões.

A citação de Rezende e Costa (2015), nos ajuda a compreender a violência e intolerância direcionadas a homens gordos gays em aplicativos de relacionamento, por muitas

vezes não performarem as “machezas” que tem sido procuradas nestes espaços, conforme apontam:

O macho hiperbólico, valorizado socialmente, se vigora como um potente e poderoso ator hegemônico, que atropela outras formas às quais resistam a dominação respaldada pela heteronormatividade e o machismo. Se antigamente os homens não eram vistos como “homens de verdade” por serem gays, hoje eles também exibem e veneram suas “machezas” nos aplicativos, perpetuando ódio, intolerância e, muitas vezes, a violência, a partir de corpos erotizados e discursos homofóbicos (Rezende; Cotta, 2015, p. 363).

Todo esse processo faz com que homens gordos lidem de forma diferentes com a gordofobia nas relações, que em geral impacta na autoestima desses homens, como pode ser percebido no relato de Carlos: “Porque também tem toda essa questão da autoestima. Eu não tenho essa coragem de chegar na pessoa, porque ela vai acabar me rejeitando por eu ser gordo”. Daniel diz: “quando eu vejo que não sou o que a pessoa busca, eu já sei que não vai dar certo”.

A este respeito, Santos (2021), traz vivências de preterimento de mulheres gordas que se aproximam dos relatos das entrevistas desta pesquisa. Esse lugar de preterimento mina a autoestima, causa inseguranças e faz com que pessoas gordas se privem de todos os tipos de relação para evitar essas vivências negativas, o que também nos é relatado por Daniel:

Um bloqueio muito grande que eu tenho para me relacionar com outra pessoa. Porque eu me vejo como problemático com relação ao meu corpo, e isso reverbera muito para minha relação íntima. Tudo é mais demorado, é um processo, como se eu tivesse aquele tempo de adaptação para que a pessoa consiga se adaptar comigo do jeito que eu sou, para eu me sentir seguro (...). Isso me previne de experiências negativas, mas as positivas demoraram a vir.

Outra forma, que muitos homens gordos utilizam para evitar essas situações é não ter atitude de ir até a pessoa que está querendo, demonstrando assim certa “passividade”, o que pode reiterar a dúvida sobre sua “masculinidade”, uma vez que para masculinidade supostamente hegemônica “ser ativo”, “dominar”, faz parte do processo de construção da sexualidade masculina.

Dessa forma, se explicita mais uma vez como a gordofobia pode impactar na masculinidade de homens gordos e como a “masculinidade hegemônica” interfere nas relações amorosas do sujeito. Carlos diz que opta por ser escolhido, como se não tivesse a opção de escolher. É o que dá título a essa seção: como se a pessoa tivesse em uma “prateleira do amor” (Zanelo, 2018), conforme explicado no capítulo um, e se remonta na experiência de homens gordos, de forma que ter ou não determinados atributos interfere se você será escolhido ou que lugar você ocupará nesta “prateleira”.

Dentre os atributos citados pelos interlocutores estão: Ter barba, aparentar uma certa “masculinidade”, ter pelos, ser grande (no sentido musculoso), entre outros que quando não se apresentam, deixam o sujeito a espera de alguém que o escolha, como se evidencia no relato:

Eu me envolvo com quem opta por mim e geralmente a pessoa gosta de gordos, do meu perfil corporal, eu nunca me vi dentro da possibilidade de ter que escolher e isso eu acabei internalizando, eu não consigo chegar na pessoa eu não consigo me aproximar da pessoa (...). Eu acabo esperando que as pessoas cheguem em mim. Geralmente é quem gosta de gordo (...). Então, esse é o problema de quem é gordo, é o fato de a gente não ter a opção de chegar, a gente sempre espera que cheguem na gente para não ter que levar o não (Carlos).

Carlos faz outro relato que pode ser acoplado a questão da “Prateleira do Amor” e traz a questão que a gordofobia que atravessa as relações amorosas de homens gordos, que é semelhante ao que ocorre na gordofobia nas lojas de roupa, também citada por Leão e Allkool. Carlos diz:

É basicamente igual roupa para quem é gordo. Eu, por exemplo, tive muitos problemas com roupa: “ah, vou levar aquela peça ali independente se ela é feia, se ela é de uma cor ruim, se ela não tá vestindo bem, mas ela deu em mim e eu vou ter que levar”. Porque é a única que tem. Eu já passei muito por isso nas relações.

Claro que existem outras características que podem interferir na escolha da dita prateleira. Tanto Piñeyro (2016), quanto Rangel (2018), constatarem teoricamente que existe mulheres que tem um tipo de gordura que é aceita socialmente, quando vem com outros “atributos”, geralmente eurocêntricos. O mesmo ocorre com homens gordos. Leão até lembra uma máxima que diz que “um homem sem barriga é um homem sem história”. Mas quem é esse homem?

Suponho a partir dos relatos que seja um homem cisheterossexual, que performa a “masculinidade hegemônica”, branco, com poder aquisitivo e que só “engordou” depois do casamento, uma vez que pude notar, tanto nas entrevistas desta pesquisa, quanto em pesquisa anterior (Modesto; Teles; Ribeiro; Alvarenga, 2023), que existe uma diferença na forma em que uma pessoa vive a gordofobia quando se reconhece enquanto gorda desde a infância, para aquela que se reconhece gorda em outro período da vida, corroborando assim com o que a pesquisa de Costa (2021), afirma sobre os corpos que são aceitos social, sexual e amorosamente.

Outro fator preponderante é sobre a assexualidade que é atribuída aos corpos gordos (Oliveira-Silva, 2017), que também pode ser vista na fala de Allkool: “as pessoas pensam que eu não tenho relações sexuais, que eu não tenho uma vida sexual e isso implica em perder essa masculinidade porque o corpo desejado muitas vezes não é o corpo gordo, não é o primeiro corpo a ser olhado”.

O mesmo participante denota em outro trecho da entrevista o impacto da pornografia cisheteronormativa, sobre corpos gordos, algo tão presente no processo de subjetivação masculina (Gomes, 2011): “Com certeza isso é um reflexo da pornografia. Por exemplo, a partir de observar e comparar essas questões de tamanho de corpos, pênis, desenvoltura, que nos levam a comparações com nossos corpos”.

Diferente do *fatporn* citado por Jimenez-Jimenez (2020b) como uma estratégia de resistência frente a gordofobia, a pornografia cisheteronormativa diz respeito ao mercado pornográfico que produz material centrado no pênis e na penetração, geralmente com atores/atrizes estereotipados(as) correspondentes a padrão de “dote” e de “beleza” construídos socialmente.

Embora Chen e Brown (2005), assim como Oswald, Champion e Pedersen (2020), pontuem que pessoas gordas são consideradas como as menos atraentes sexual e amorosamente, nesta pesquisa os relatos evidenciam que preterimento costuma ser amoroso, pois sexualmente, homens gordos são procurados desde que tudo seja “no sigilo”. Allkool também aponta uma “fetichização” dos corpos gordos masculinos, o que dá origem à subseção a seguir.

6.2 “Mesmo tendo adoração, é tudo no off”: a fetichização de homens gordos

Corroborando as ideias de Costa (2021), acerca do corpo gordo só ser desejado em ambientes privados, na experiência de homens gordos isso fora constatado em diversos sentidos, como por exemplo, as experiências em que estes homens só eram procurados para o sexo, como Steven nos fala: “Quando você se relaciona com alguém, este só procura o sexo, você passa por constrangimento e eu passei por isso (...). Eu queria uma relação amorosa, mas a pessoa só queria uma relação sexual”.

Talvez por consequência disso haja uma procura exacerbada por estes corpos no mundo pornográfico (Jimenez-Jimenez, 2020b), com o intuito deste prazer ficar encoberto, privado, fazendo de corpos gordos alvo de um processo de “fetichização”, o que pode ser visto na fala de Allkool:

Mas a partir do momento que tu és um alvo de fetiche por ser gordo, já é bem complicado. Teve pessoas que me relacionei que adoravam está comigo, mas não gostavam de sair comigo, porque não vai combinar com o ambiente que eu vou (...). Mesmo tendo a questão da adoração, é tudo no off, não apresentar, não querer sair juntos.

Mas algo interessante também veio à tona na entrevista de Allkool, que declarou interpretar um personagem BDSM (Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo) em alguns contextos. Schmidt (2022), em seu trabalho analisando o BDSM no Brasil, o coloca como

um termo “guarda-chuva” para diversos fetiches, fantasias, e “desejos perversos”, mas que engloba couro, chicotes, entre outros adereços que pretendem romper com os estigmas da sexualidade impostos pela cultura judaico-cristã.

O autor também pontua que o BDSM se tornou popular no meio LGBTQ+ na década de 1940, e vem tentando romper com paradigmas do homem dominador e da mulher submissa. O movimento foi criado nos Estados Unidos após a junção de vários grupos com fetiches que se assemelham. Allkool, por performar esse personagem muitas vezes, acaba sendo visto como mais masculino, tornando-se um objeto de desejo, conforme relata:

Quando a gente fala de um corpo gordo ser masculino depende de um certo público: se para alguns eu perco minha masculinidade por ser gordo, no público BDSM eu sou mais masculino e mais desejado, quase adorado mesmo. Alguns me chamam de senhor (...). Tem um certo fetiche sobre o corpo gordo, tem pessoas que olham como se fosse mais masculino porque tem relação com o fetiche sexual (...). Como no personagem BDSM, alguns me enxergam como mais masculinos por ser gordo porque tem diversos adereços, couro etc.

No entanto, problematizo essa fetichização, uma vez que retoma a performance do macho dominador sexualmente (Gomes, 2011), característico da “masculinidade hegemônica”, e talvez por isso o homem gordo possa ser “perdoado” e desejado nestes espaços. O próprio Allkool considera incômodo estar nesse lugar: “é desconfortável me relacionar com algumas pessoas que só me veem como objeto”.

Doravante a isso, Jimenez-Jimenez (2020b) contribui que esse processo de fetichização mesmo que de alguma forma possa enaltecer a sexualidade de pessoas gordas, acaba ocorrendo somente de forma velada e privada: em sites pornográficos, no caso das entrevistadas da autora; ou em festas BDSM privadas aos praticantes e simpatizantes, como relatado por Allkool. Todavia, em ambos os casos essa fetichização promove a exclusão dos corpos gordos das relações amorosas, fazendo esse desejo por corpos gordos ficar somente campo sexual e “no off”.

Nesta perspectiva, Santos (2021), pontua a respeito da questão afetivo-sexual da gordofobia em mulheres gordas e nos traz algumas questões que se aproximam dos conteúdos produzidos nas entrevistas. O discurso trazido no tópico intitulado “Com gorda só se for escondido” se assemelha ao ouvido nas entrevistas em que homens gordos relatam só serem procurados em relações privadas (escondidas), o que fora constatado tanto por homens gays, bissexuais e pansexuais, como também pelo homem cisheterossexual que fora entrevistado.

Mesmo que a interseccionalidade já tenha sido trabalhada na categoria anterior, considero importante reiterar que aspectos como o de raça e classe devem ser observados por ter forte influência no aspecto do afetivo-sexual. Tal questão pode ser observada pelo

participante Steven, homem gordo, negro e gay que diz sentir a rejeição afetivo-sexual triplamente, tanto pela questão da raça como pelo corpo gordo e orientação sexual. Ou Sérgio, homem gordo, cisheterossexual, que relata que teve uma relação em que a companheira não o encontrava em público, tanto pelo seu corpo como por estarem em classes sociais diferentes, segundo o interlocutor.

Ainda segundo Santos (2021), embora as relações bissexuais e lésbicas não estejam livres de gordofobia ou de vivências abusivas, nestas relações mulheres gordas se sentiam mais apoiadas, respeitadas e acolhidas. Entretanto, este aspecto não foi evidenciado nos relatos dos entrevistados nesta pesquisa. Sendo a maioria gays, bissexuais, pansexuais, os entrevistados relataram sentir o mesmo preterimento nestes contextos, denotando o que Austin, Bonell e Griffiths (2022), identificaram acerca da gordofobia nestas relações.

No entanto, uma estratégia que homens gordos gays, bissexuais ou pansexuais, utilizam para o enfrentamento da gordofobia nas relações amorosas é o que Santos (2021), nomeia de relações “gordocentradas”, na qual estes homens gordos procuram outras pessoas gordas para se relacionar, mesmo que isso os faça ficar somente em determinados nichos, como Marcelo relata:

Na questão dos relacionamentos, hoje é bem melhor, a gente se encontra, a vida faz a gente se localizar em nichos. Então, hoje em dia estou mais aberto e livre, mesmo que preso em um círculo de relações, e consigo me entender como uma pessoa que pode ser desejada.

Esta questão também pode ser vista no relato de Steven que alega ter melhorado sua relação com o próprio corpo quando encontrou outra pessoa que pelo seu relato pode ser lido como gordo menor e com quem tem uma relação amorosa que o auxilia a enfrentar a gordofobia nos diversos espaços em que ela acontece: “a pessoa com quem convivo também é gordinha, não é como eu, mas tem sobrepeso e tem me mostrado que eu poderia me aceitar com o corpo que tenho e poderia conviver com isso”.

Outras formas de enfrentamento a gordofobia utilizada por homens gordos serão tratadas no capítulo a seguir.

7 “É O MEU CORPO! É O QUE EU TENHO”: FORMAS DE SOFRIMENTO E DE ENFRENTAMENTOS À GORDOFOBIA

Nesta categoria, os conteúdos analisados dizem respeito há como homens gordos tem vivenciado a gordofobia e como fazem para lidar com ela. Primeiramente tratarei sobre algumas formas de sofrer gordofobia que tendem a infringir os corpos gordos de forma geral e que foram denunciadas pelos interlocutores. Em seguida tratarei a respeito das formas de enfrentamento ou mecanismos de sobrevivência que homens gordos vem adotando diante da gordofobia. Por fim, analisarei sob qual perspectiva a comunidade ursina tem sido vista por homens gordos.

7.1 A gordofobia e a produção de sofrimento

Dentre as muitas formas que a gordofobia se manifestam no contexto hodierno, separei algumas das quais compareceram com maior frequência na fala dos interlocutores. Uma delas, conforme o trecho da entrevista com Ariel, expõe a falta de acessibilidade para corpos gordos em um dos teatros mais populares de Belém: “às vezes, tem assentos que eu não caibo (...). As cadeiras do Teatro da Paz, por exemplo, foram feitas na época de 40/50 por aí, período da borracha. Naquela época as pessoas eram magrinhas, elite” (Ariel).

Outro participante relata a mesma insegurança com relação aos assentos, o que acaba tendo reverberações no direito de corpos gordos transitarem ou mesmo de ocuparem determinados espaços, como se lê:

Já me senti discriminado em assentos (...). Ver uma cadeira e não saber se ela vai suportar meu peso. Ou então sentar e a cadeira quebrar. Já aconteceu em lanchonetes, ambientes públicos, já aconteceu em casa de parentes, amigos (Marcelo).

A questão de locomoção também comparece nos relatos. No transporte coletivo, o espaço da catraca é estreito, então, corpos gordos viram alvos de piadas, reclamações, e quando tem acesso a um assento, feito somente para corporalidades magras, outras pessoas não se sentam ao lado, entre outras formas de gordofobia que os participantes sinalizaram:

Então eu tinha dificuldade de passar na catraca de ônibus e eu acho que o fato de eu ser muito gordo, isso chama a atenção das pessoas dentro do ônibus. As pessoas geralmente não se sentam do teu lado (Carlos).

Escutei que tinha espaço para três pessoas a mais no meu lugar, como se eu estivesse ocupando mais espaço do que deveria (Sergio).

Tanto a falta de acessibilidade, quanto as formas de exclusão aos corpos gordos foram postuladas por Jimenez-Jimenez (2020c), no seu artigo sobre as dificuldades de ser uma mulher

gorda em uma sociedade lipofóbica. Estas questões também foram constatadas nos relatos acima e em outros semelhantes.

Nos casos dos homens gordos, uma queixa comum fora a respeito de apelidos e brincadeiras pejorativas que os acometem desde a infância, como nos relatos de Steven: “Era colocando apelidos pejorativos, ‘rolha de poço’, ‘baleia fora d’agua’.”. Araújo (2018), contribui acerca de como meninos são subjetivados através das brincadeiras, principalmente, no que se refere ao que a “masculinidade hegemônica” requer dos homens. Neste sentido, o autor relata como as brincadeiras e brinquedos masculinos os colocam em constante competição, além de disciplinar seus corpos sobre o que é “ser homem”. Ressalta-se também o quanto esse processo silencia o sofrimento de homens gordos com essas “brincadeiras”, afinal, se este se “ofender” é porque é “menos homem” e não sabe “brincar”, podendo também ser excluídos do grupo.

Ao se tratar de corpos gordos, também pode ser visto um processo de animalização, o que Sant’Anna (2016), sinaliza na mudança de perspectiva que houve no Brasil com relação ao corpo gordo. Dentre as violências dirigidas a esses corpos, tem-se esse processo que retira identidade e compara com animais grandes, como “baleia”, “hipopótamo”, entre outros, que também foram referidos nas entrevistas, como diz Daniel: “as piadas geralmente fazem comparações do corpo, do meu corpo com alguma exorbitante, ou então com animais grandes”.

Sérgio acrescenta que por trás da suposta “brincadeira”, existe um processo de redução moral, conforme alega: “por trás da brincadeira há um tom de ofensa ou de redução moral, ou até mesmo de humilhação”. Essa moral se refere ao que a sociedade tem como padrão de corpo ideal, belo, saudável e que merece existir (Jimenez-Jimenez, 2020c).

Ademais, esse processo que retira a identidade das pessoas gordas, sendo caracterizadas simplesmente pelos seus corpos. Ser considerado somente o “gordinho” também foi apontado por Steven como processo produtor de sofrimento: “na rua, geralmente as pessoas quando se trata de gordinhos, ou elas não sabem teu nome, ou não vem perguntar, e só utilizam referência com relação ao teu corpo. ‘ah, o gordinho ali, o porquinho’.”.

Além disso, o participante acrescenta sobre o processo de controle dos corpos, através da constante vigilância quando estão próximos da mesa, o quanto e o que comem. Esse controle se direciona a corpos gordos em diversos ambientes, mesmo em ambientes festivos, conforme aponta: “Quando um gordinho se aproxima da mesa geralmente todo mundo fica olhando. O que ele vai colocar no prato, ou o que vai comer. Quantidade de vezes que vai até a mesa” (Steven).

7.2 Formas de enfrentamento, estratégias de sobrevivência ou mais sofrimento?

Toda forma de poder gera alguma resistência, como bem sinalizou Foucault (2014). Logo, homens gordos têm desenvolvido mecanismos de sobrevivência e formas enfrentamento para lidar com a gordofobia, como nos fala o interlocutor Sérgio:

Eu acho que os mecanismos de defesa que adquiri não me deixam levar para esse lado, entendeu? Mas alguém que não tem esses mecanismos, sofreria bastante (...). Mas devido ao excesso eu aprendi a trabalhar essa questão (Sergio).

Aqui cabe uma distinção entre estratégias de sobrevivência e formas de enfrentamento. O primeiro diz respeito aos comportamentos, por mais levianas que pareçam, que aprendemos a adotar ao longo da vida, para lidar com as constantes vivências de gordofobia que nos ocorrem, como no trecho acima. Já o enfrentamento é como lidamos com a gordofobia de forma a denunciá-la, retirando de nossos corpos a culpa e direcionando-a para sociedade gordofóbica em que vivemos.

Neste sentido, exemplifico em minha própria experiência. Não é todo dia que consigo lidar com a gordofobia. Constantemente não sei como responder quando acontece comigo, pois demoro a tomar consciência do que sofri, uma vez que essa violência é tão naturalizada que nos passa despercebido, no entanto, utilizo do que sofri para escrever esta dissertação e enfrentar a gordofobia.

Dentre as estratégias de sobrevivência, além dos que já foram citados nas categorias anteriores, fora quase que unânime o “tentar ignorar”, “relevar”, “evitar lidar com aquilo” – por nome gordofobia. Questiono até que ponto esses mecanismos não são frutos da imposição social de uma masculinidade que não permite vulnerabilidade e que homens têm que “ser forte” e “sem sentimentos” (Kimmel, 1998).

Alguns relatos dos interlocutores atenuam essa questão: “Eu deixo pra lá, não me afeto com qualquer tipo de comentário que seja a respeito do meu corpo” (Ariel); “Eu não absorvia a situação, a minha forma de lidar com isso era não lidando com nada. Eu fingia que não era comigo” (Daniel); “Hoje em dia, eu só ignoro. Porque se eu fosse considerar como um problema, eu acho que seria mais um problema para eu conseguir lidar frente a outros que eu já tenho” (Steven).

Enquanto psicólogo, de abordagem psicanalítica, não consigo considerar que esse “deixar pra lá” de fato elimine as angústias provocadas pela gordofobia. Talvez somente esses afetos (ou desafetos) tomem outros rumos, o que pode ser um tema interessante para aprofundar em pesquisas futuras.

Outro aspecto importante é que a gordofobia faz alguns homens gordos precisarem lançar mão de agressividade e reatividade, características da “masculinidade hegemônica”, para conseguir minimizar as vivências opressoras que esta violência produz. Tal questão pode ser observada nos seguintes relatos:

Eu me tornei muito brigão, de responder, principalmente nessa fase que eu entendi que não deveriam falar assim comigo. Fiquei muito reativo, de responder, de revidar (...). Quando temos a capacidade de ser reativo, fica meio velado, sabes? (Marcelo).

Procuro descaracterizar o objetivo da pessoa. Por exemplo, quando vem alguém com objetivo de ofender, oprimir, eu a faço enxergar uma característica dela não positiva (...). Eu sou o cara que revida a “brincadeira” (Sergio).

“Não deixava barato assim. Eu revidava bastante” (Carlos).

Observa-se que alguns homens gordos desde a infância aprendiam a depreciar outros homens gordos para que a sua própria gordura fosse “perdoada” em ciclos masculinos. O relato de Daniel nos ajuda a perceber isso: “inclusive outros meninos com a mesma forma física que eu. Eles tinham que se camuflar entre essas pessoas, tipo: se eu encarnar nele, eu não vou ser encarnado” (Daniel).

Houve também relatos em que o homem gordo desde a infância prefere se autodepreciar para tentar evitar com que a violência venha dos outros, como no exemplo de Allkool:

Porque eu era um tipo de criança que tinha um sistema de defesa: quando alguém falava alguma coisa, eu retrucava de forma bem pior, fazendo uma piada mais forte com relação a isso, até comigo mesmo, autodepreciando. As pessoas pensavam assim: “ah, não vou fazer uma piada contigo”.

Até aqui, pode-se ver que as estratégias de sobrevivência a gordofobia também recebem influência dos processos constitutivos da “masculinidade hegemônica” (Kimmel, 1998; Connel, 1995), e por isso também são produtoras de sofrimento. Há também aquelas que devido a gordofobia está em diversos contextos, alguns homens gordos acabam evitando estar nesses lugares, podem também ser custoso para si.

Como nos exemplos em que o transporte coletivo não é apropriado para pessoas gordas: “Às vezes eu prefiro ficar em pé do que sentar” (Bill). Marcelo que deixou de frequentar certos espaços públicos e de lazer por não caber nas cadeiras, feitas somente para pessoas magras: “mas evito espaços que não vão me caber”. Carlos acrescenta outros espaços que pessoas gordas tem dificuldade de acessar devido a gordofobia: “quem é gordo não gosta de frequentar lugares como praias, piscinas, balneários, porque as pessoas ficam te olhando de forma ruim”.

Houve também aqueles que recorrem a estratégias de sobrevivência mais individuais, como terapia e espiritualidade, como disse Ariel: “isso é uma das coisas que tenho tratado em terapia, porque eu nunca aceitei meu corpo do jeito que é”. Já Carlos traz para seu relato a questão da espiritualidade: “eu sou umbandista, a questão espiritual me trouxe muita aceitação, trabalhou o meu mental, o poder me enxergar como alguém com valor diante de qualquer pessoa que seja”.

Acerca da busca de terapia, reitero importância da emergência de uma psicologia antigordofobia proposta por Fachim (2022), uma vez que, se guiada por epistemologias tradicionais, a escuta psicológica também pode acabar tomando vieses normatizantes e produtores de gordofobia. No que concerne a espiritualidade, é interessante que a escolha do participante fora por uma espiritualidade dissidente, que, conforme Guerreiro e Lopes (2010), diz respeito às espiritualidades que desviam daquelas que foram institucionalizadas no Brasil desde a colonização. Isso também se deve ao fato de que para as religiões institucionalizadas, a saber, religiões judaico-cristãs, corpos gordos são sinônimo de gula, promiscuidade e outros pecados (Sant’Anna, 2016).

Já no que tange as formas de enfrentamento, compareceram nas entrevistas, a utilização do corpo como estratégia política de enfrentamento a gordofobia. De acordo com Jimenez-Jimenez (2020), o corpo gordo é um corpo que subverte as lógicas que são impostas a ele, logo, quando este corpo ocupa certos espaços, esta também é uma forma de resistência à gordofobia. Allkool relata que conseguiu compreender e por isso em prática através do incentivo da ex-companheira, conforme diz:

Minha ex-namorada me incentivava a participar e porque ela me falou uma coisa que marcou muito a minha mente: que meu corpo é político por si só. Muitas vezes não preciso falar ou me impor, eu só preciso estar. Isso foi algo que me pegou muito: “de que forma eu posso combater esses casos de gordofobia não só comigo, mas com outras pessoas?!” E eu percebi que quanto mais eu aparecia, quanto mais eu falava, quanto mais estava nesses ambientes, estava em concurso, estava nesses lugares públicos assim, eu também estava combatendo a gordofobia porque estava ajudando pessoas a ficarem à vontade com seus próprios corpos e estava calando muitas pessoas que estavam falando besteira com relação a isso.

Jimenez-Jimenez (2020), também contribui acerca da presença de corpos gordos no ciberespaço, local onde o ativismo gordo ganhou força. O relato a seguir demonstra como o fato desses corpos ocuparem esses espaços auxilia com que outros, que ainda tem questões com seu corpo, possam não somente aceitar seus corpos, mas entrarem no processo de resistência à gordofobia:

Só dizer a questão da identificação, as redes sociais podem prejudicar as pessoas, mas também pode ajudar as pessoas. Assim como eu encontrei padrões de beleza nas redes sociais, eu encontrei pessoas que são iguais a mim e se sentem bem com o corpo que elas têm. Foi assim que comecei a me aceitar. Hoje em dia eu não me vejo mais como

um problema, não vejo mais minha gordura ou minha barriga como um problema ou como algo negativo (Leão).

Outra forma de enfrentamento fora a tentativa de diálogo, o que vislumbra um possível contato dos participantes com o ativismo gordo, uma vez que passam a se manifestar à medida em que situações de gordofobia vão ocorrendo. Bill, por exemplo, tenta o diálogo de uma forma incisiva com seus pares: “eu confronto, dialogando, de certa forma sendo um pouco mais agressivo como um dia nunca fui (...). Quem tem intimidade eu converso”. O mesmo conteúdo pode ser visto na fala de Leão: “eu chego com a pessoa e converso (...). Ela não está no local de fala para falar do corpo da outra pessoa ou o que ela deve fazer para o seu corpo”.

Além disso, também compareceu na maioria dos interlocutores a aproximação em ciclos femininos como forma de enfrentar a gordofobia, o que me lembrou o apontamento da Maria Luisa Jimenez-Jimenez na qualificação desta pesquisa sobre a presença menor dos homens em pesquisas e no movimento gordo se comparado à mulheres, e quando comparecem são homens gays, bissexuais etc.

Após os relatos da entrevista, suponho que seja justamente por esse afastamento que homens gordos da comunidade gay, bissexual e pansexual de ciclos que performam a “masculinidade hegemônica” e gordofóbica, uma vez que não tem o corpo dito “masculino” e não vivenciam a “cisheterossexualidade compulsória” requerida por esta. Dessa forma, unir-se a outras que também vivenciam essas violências acaba sendo uma forma de enfrentá-las, como demonstrado nos relatos abaixo:

Devido a essas circunstâncias eu sempre fui jogado para relações de amizade com mulheres (...). A gente acaba se assimilando ao que acolhe a gente. Eu fui uma criança feminilizada por minhas relações terem sido femininas e próximas a mulheres (Marcelo).

Eu sempre me resguardava em ter que andar com meninos (...), eu sempre achei um pouco tóxico demais, uns assuntos assim que não tinha nada a ver com o que eu gostava de falar (...) A minha questão de me envolver muito com meninas, adolescentes e adultas, isso eu trouxe para minha vida adulta, eu só andava com sapatão até um tempo atrás, eu tenho muitas, minhas melhores amigas são todas lésbicas (Carlos).

Essa aproximação faz com que esse público tenha mais acesso a discussão de gênero e antigordofobia, tendo em vista que, nestes debates mulheres protagonizam, tanto sendo alvo das pesquisas, quanto as produzindo. Homens gordos cisheterossexuais, por outro lado, podem até ter curiosidade e sofrerem gordofobia, mas evitam se envolver nos debates temendo que seja mais um motivo para serem considerados “menos homens”.

Pude perceber esse movimento quando outros três homens cisheterossexuais que conheço tiveram interesse em participar: um me sinalizou no bate papo do *Instagram*, contudo fez vários questionamentos sobre como seria e parou de responder. Outros dois chegaram a

comentar a postagem no *feed*, marcando outros homens gordos e condicionando que só participariam se estes outros homens, também cisheterossexuais, participassem. Entretanto, não conseguir distinguir se havia de fato um interesse ou se estavam reproduzindo a questão da gordofobia nas “brincadeiras entre homens”, conforme já descrito anteriormente.

Ademais, a próxima possível forma de enfrentamento compareceu devido maior parte dos participantes serem gays, bissexuais ou pansexuais, uma vez que a comunidade dos ursos é um subgrupo da comunidade gay, bissexual e pansexual (Flauaus, 2018), o que provavelmente não ocorreria se a pesquisa fosse somente com homens cisheterossexuais.

7.3 Comunidade ursa: enfrentamento ou sofrimento?

Dentro da comunidade LGBT tem ciclos mais definidos, né? Tem um pessoal que gosta de um tipo ou estilo que a gente se encaixa e as relações vão acontecendo. Não que aconteçam só lá, mas facilitam. Acho que está dentro da comunidade, é levado aquilo. Acho que muito por semelhanças, gostos (Marcelo).

Início este subtópico com essa citação que Marcelo faz ao se referir indiretamente a comunidade ursina. A fala do interlocutor diz respeito a estratégia que usa para lidar com a gordofobia nas relações, citando a comunidade ursina como um local onde consegue se sentir desejado, onde as relações são facilitadas, e onde as pessoas se encontram por suas semelhanças e gostos.

Esse fora o intuito que fez surgir a subcultura ursina no meio gay: produzir resistência ao preterimento que ocorria no meio gay com relação aos corpos e as idades (Flauaus, 2018). Porém, o relato acima é o único que se referiu a comunidade ursina como estratégia de enfrentamento a gordofobia; os demais participantes que citaram a comunidade ursina, relataram que ela também reproduz um lugar de preterimento a corpos gordos.

Para o participante Allkool, esse processo se dá porque a comunidade ursina é atravessada por questões sociais, e apesar de diversa, um tipo tem sido mais valorizado nesta comunidade, o que faz perder o sentido de sua existência, conforme diz:

A comunidade não é formada só por um tipo de pessoa, mas quando a parte predominante nesse tipo de ambiente já é o rato de academia, já meio que perde ali o sentido porque as pessoas que estão ali que são gordas, que acaba não escolhendo o padrão que estão seguindo, acaba não participando (Allkool).

Talvez o relato de Allkool nos dê pistas dos fatores que fazem Steven conhecer as festas e a comunidade, mas não conseguir participar ou se sentir pertencente a ela: “Por exemplo, aqui em Belém de vez em quando tem festas e encontros de ursinhos, da comunidade ursina, mas eu não consigo participar, por vergonha e por outros fatores” (Steven).

Já Carlos traz uma questão mais profunda ao pontuar que até participa dos encontros da comunidade ursina, mas não “levanta bandeira” ou “adere as causas”, pois, embora digam que todos os corpos são aceitos, isso não é o que de fato acontece.

Porque você não se encaixa, não faz parte desse grupo, não é aceito, embora eles dizem. E quando eu digo “eles”, me refiro aos vários grupos que dizem que aceitam, mas a gente sabe que não (...). É um nicho que eu não sou muito de levantar bandeira, eu não sou muito de estar inserido em causas; vou pra uma festa, tenho amigos gays ursos, mas não sou muito de levantar a bandeira da causa, porque acho um pouco hipócrita, sei lá. Ah, aqui nós aceitamos ursos, mas não é todo urso que aceitam: tem que ser aquele padrão, urso padrão (Carlos).

O termo “urso padrão” me remete como um atravessamento da suposta “masculinidade hegemônica” na comunidade ursina, pois ao escutar os interlocutores, esse padrão no meio da comunidade ursina é o homem musculoso, de barba feita e que performa a dita “masculinidade”, como define Carlos:

Urso musculoso, é o urso, mas não tão gordo. Tem que ser peludo, tem que ter o rosto bonito, pernas e braços grossos e tem que mostrar muita masculinidade. Ele é bem aceito, é tido como o perfil ideal. Para quem não tem o corpo definido, os ursos mais gordos, sem pelos, que é o meu caso, aí já não é modelo disso ou daquilo, passa despercebido.

O relato de Carlos ratifica o que tanto Flauaus (2018), quanto Whitesel (2014), apresentam em suas pesquisas, a forma como o corpo gordo sem pelos e sem a dita “masculinidade” que remete a virilidade e coragem, sofre retaliações mesmo em um espaço que seria de resistência e enfrentamento aos estigmas que tratam determinados corpos como “feios” e “doentes”.

O urso musculoso, citado por Carlos, é o mesmo citado pelos autores em questão quando apontam uma competição desleal que ocorre na comunidade ursina entre os “*musclebear's*” e os demais ursos, na qual a gordura ganha preterimento perto dos músculos e dos pelos, o que também Carlos denuncia:

Eles são os preferidos. Existe isso também dentro desse grupo: os preferidos são aqueles que são mais definidos os *muscle bears*, e eu não sou um *muscle bear*. Até isso eles cobram (Carlos).

Tal fato, aponta o quanto o corpo musculoso está sendo cultuado no comércio homoerótico (Whitesel, 2014), e o quanto isso está associado a busca de “macheza” no meio gay (Rezende; COSTA, 2015). Dessa forma, me pergunto até que ponto a comunidade ursina se encontra envolvida nesta busca por performar este tipo de masculinidade, a medida em que músculos estão sendo associados a “masculinidade hegemônica” (Oliveira, 2004). Esse processo pode ser visto nas últimas festas ursinas de Belém, como Allkool profere:

Na última edição de uma festa de urso de Belém, o tipo de corpo mais aceito como masculino, mais desejado e predominante naquela festa, era o corpo dos ursos musculosos, de apartamento, padrão. Nessa última festa tinha claramente: as pessoas

que são gordos, que falta essa questão da masculinidade porque tem menos musculo, menos pelos, eles são deixados de lado, enquanto os caras que estavam mais próximos ao padrão, que também é mais próximo do padrão masculino, eram mais aceitos e mais desejados ali na festa.

Parece que até em meio a comunidade ursina, homens gordos gays possuem menos capital erótico (Flauaus, 2018), e mais do que isso, se forem sem pelos e “afeminados”, podem até não serem considerados “ursos de verdade”, remetendo a mesma ideia de “homem de verdade” proposta por Nolasco (1997), o que pode ser visto em outro trecho da entrevista de Allkool, que considera que esse processo é atravessado pela questão social:

Dentro da comunidade ursina tem vários tipos de corpos, mas assim como no reflexo social eu acho que sempre o corpo mais desejado é o corpo mais próximo do padrão, o padrão de beleza estabelecido, ou seja, o cara que estão com a barba perfeita, academia em dia, o peito com pump, os braços inchados representam esse padrão de masculinidade. Tipo a característica do urso é o mais másculo e viril possível, homem grande, maduro, peludo. Mesmo se for gordo deve representar questões de virilidade (Allkool).

Durante o período da pesquisa entrei em grupos de WhatsApp compostos por homens que se identificam ou simpatizam com a subcultura “bear” e participei de alguns encontros da comunidade ursina de Belém. Pude perceber que mesmo sendo um local em que homens gordos andam sem camisa, trocam afetos e se divertem, ainda há uma carência de debates sociais, como gordofobia, racismo, homofobia, havendo, inclusive, algumas falas bem problemáticas dos participantes. No período de captação de participantes para pesquisa, enviei o convite nestes grupos e não houve nenhum tipo de manifestação a respeito.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar aqui, pode-se verificar que longe de meramente responder questões de pesquisa, a abordagem qualitativa faz outras problematizações, questionamentos e implicações as quais demandarão novas discussões. Nesta perspectiva, salientou-se como a gordofobia afeta as masculinidades de homens gordos, desde o imaginário social do que é um corpo de homem, da relação que o esporte tem com as masculinidades e o quanto que o corpo gordo costuma ser violentado neste contexto, até mesmo quanto à fatores como orientação sexual, raça e classe que podem influenciar na forma como homens gordos vivenciam a gordofobia.

Ademais, não se pode esquecer de toda reverberação que esta violência tem ao preterir corpos gordos em relações amorosas públicas e paradoxalmente os sexualiza em ambientes privados. Elenca-se ainda a fetichização e a objetificação que ocorre tanto com homens, quanto com mulheres gordas, havendo especificidades de gênero que puderam ser observados tanto nos resultados como no referencial teórico, comparecendo em ambos, inseguranças e os outros atravessamentos na autoestima e na autoimagem.

Não se pode esquecer que não há imposição de poder sem que haja resistência. Por isso, as formas de resistência e estratégias de sobrevivência utilizadas por homens gordos também foram observadas e explicitadas. É legítimo analisar que algumas destas estratégias ainda estão envolvidas com ideias da “masculinidade hegemônica”, por isso algumas delas embora possam servir para sobrevivência também produzem sofrimento.

Outro aspecto que fora elucidado foi como a comunidade dos ursos tem potencial de ser um coletivo de resistência e enfrentamento, contudo, também tem sido afetada com a constituição social das masculinidades, e doravante a isto, tem valorizado mais pelos e músculos do que corpos gordos, produzindo assim, vivências aversivas aos participantes que não se encaixam na performance de “urso padrão”. Esta inclusive, seria uma sugestão para futuras investigações a respeito das masculinidades que se produzem no meio da comunidade ursina e como isso impacta no movimento que deu origem a esta comunidade, ou ainda, qual o lugar dos “ursos afeminados” nela. Uma vez que esta valoriza algumas características que são típicas da “masculinidade hegemônica” como músculos e pelos.

Outra investigação que se faz necessária diz respeito sobre onde estão as comunidades com ideais semelhantes aos grupos “*chubbys*” no cenário brasileiro? Ou ainda, quais as comunidades que homens gordos gays encontram para um enfrentamento coletivo da gordofobia no Brasil? Mais especificamente no Norte? Tendo em vista nossos distintos modos de viver mesmo em solo nacional. Não seriam comunidades com esse público uma

possibilidade de homens gordos resistirem ou enfrentarem a gordofobia no meio gay? Ou será que estes homens gordos acabam tentando se encaixar nos grupos de ursos, ainda muito imbricados com uma suposta “masculinidade”, para se validarem? Penso ainda, se há possibilidade de implicar a comunidade ursina na resistência à gordofobia, contudo, isso também, demandaria outras pesquisas, talvez mais especificamente, pesquisas-ações.

Vale ressaltar, que as temáticas anteriores surgem devido a maioria dos participantes da pesquisa se identificarem como gays, bissexuais e pansexuais, sendo apenas um cisheterossexual. Mediante a isto, algumas informações mais específicas da cisheterossexualidade não compareceram, havendo a necessidade de pesquisas futuras que investiguem melhor as corporalidades gordas masculinas e cisheterossexuais. Uma questão importante, por exemplo, seria verificar se a busca destes homens tem sido por mulheres magras com o objetivo de validação de uma suposta “masculinidade”.

Outra limitação se deu no campo da classe social, uma vez que a chamada para pesquisa ocorreu em ambiente virtual o que pode ter limitado a participação do público que não tem acesso a recursos como eletroeletrônicos, internet, entre outros. Assim, ao pensar as próximas pesquisas devem considerar estratégias para alcançar estes sujeitos.

Elenca-se ainda que após as entrevistas buscava-se tratar com os participantes a respeito do ativismo gordo, boa parte deles sequer conhecia este movimento, no entanto, de forma quase unânime, disseram estar curiosos com os resultados e suscitaram interesse em pesquisar sobre. Acredito que ao se ver nesta, possibilitou a estes um lugar de luta, o qual podem ocupar.

Dessa maneira, faz-se necessário politizar a comunidade ursina a respeito do gordofobia, visto que boa parte dos que a integram são homens gordos, e que devido à ausência destas discussões, estes tem sido retaliado e tendem a diminuir sua participação em uma comunidade que poderia se organizar, enquanto enfrentamento a gordofobia, principalmente no meio gay.

Ressalto a comunidade citada por Flauaus (2018), que explicitarei no capítulo um, como uma das resistências a gordofobia que homens gordos vivenciam no meio gay, conhecida como Girth & Mirth não surgiu nos relatos dos interlocutores, nem em minhas experiências pessoais nas festas “Bears” e nos aplicativos que supostamente seriam para homens de corpos diversos como “Scruff”. Diante disso, considero que estes grupos devam receber atenção pela comunidade acadêmica e pelo ativismo gordo como uma forma de organização e resistência que pode ser utilizada por homens gordos gays.

Por fim, esta pesquisa mais do que denunciar as diversas formas como homens gordos sofrem gordofobia, visa salientar a necessidade de que estes estejam mais presentes nestes debates, tomem conhecimento de causa e possam unir suas vozes com as vozes das mulheres feministas gordas para mitigar a gordofobia nos diversos cenários em que ela acontece, fazendo-se aliados e militantes desta causa. Instigo ainda a necessidade de políticas públicas que atendam as necessidades de corpos gordos, seja na mobilidade urbana, seja nos espaços de entretenimento, ou nos espaços públicos, conforme foi pontuado pelos interlocutores. Uma vez que esta seria uma forma de combater a gordofobia que impede nossos corpos de ocuparem espaços dos quais deveríamos ter como direito. Sejam as cadeiras do Teatro da Paz, ou o espaço das catracas do ônibus, ou os serviços públicos que não são preparados para receber pessoas gordas.

REFERÊNCIAS

- AHIMA, R. S.; LAZAR, M. A. The health risk of obesity – better metrics imperative. Perelman School of Medicine, University of Pennsylvania, Philadelphia: **Science**, v. 341, agosto 2013.
- ALMEIDA, C. B. D.; FURTADO, C. D. C. Comer intuitivo. **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa (RUEP)**, Santos, v. 14, n. 37, p. 38-46, out/dez 2017.
- APPOLINÁRIO, J. C.; CLAUDINO, A. M. Transtornos alimentares. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, vol.22, dezembro 2000.
- ARAÚJO, K. L. D.; PENA, P. G. L.; FREITAS, M. D. C. S. D. Sofrimento e preconceito: trajetórias percorridas por nutricionistas obesas em busca do emagrecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 9, p. 2787-2796, setembro 2015.
- ARRAES, J. Gordofobia como questão política e feminista. **Revista Fórum Semanal [Internet]**, set 2014.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/gordofobia>. Acesso em: 21 de janeiro do 2024.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E DA SÍNDROME METABÓLICA. **Diretrizes brasileiras de obesidade**. ABESO. São Paulo, p. 188. 2016.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA. **Mapa da obesidade**. São Paulo: ABESO, 2020.
- AUSTEN, Emma; BONELL, Sarah; GRIFFITHS, Scott. Fat is feminine: A qualitative study of how weight stigma is constructed among sexual minority men who use Grindr, **Body Image**, V. 42, p. 160-172, 2022.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande do Sul, v. 27, p. 46-60, jul/dez 2011.
- BARACUHY, R.; PEREIRA, T.A. A biopolítica dos corpos na sociedade de controle. **Gragoatá**, v. 18, n. 34, 2013.
- BARDIN, L.; **Análise de Conteúdo**. Ed. 70. Portugal: p. 1-229, 2016.
- BARREIRA, C. R. A.; RANIERI, L. P. Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina. (Org.). **Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa**. 1ed. Belo Horizonte: Artesã, v. p. 449-466, 2013.
- BARROS, M. **Um lugar para ser gorda: afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores**. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BEIRAS, A. *et al.* Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicol Soc.**, 19(3), 62-67, 2007.
- BLACKBURN, M. **Sexuality e disability**. Oxford: Butterworth Heinemann, 2002.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan-ju 2005.
- BORDO, S. R. *Unbearable weight: Feminism, Western culture, and the body*: University of California Press, 2003.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, P. Conferência do prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada in: ins, Daniel (org.). **A dominação masculina revisitada**, p. 133, 1998.
- BOURDIEU, P. (A) **Economia das trocas simbólicas**. 5. ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOZON, M. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BRITO, Leandro Teofilo. “Falam que eu sou pintosa e que assim não dá pra ficar com mulher”: narrativas sobre juventude e masculinidade bissexual. **O Social em Questão**, v. 1, n. 55, p. 223-240, 2023.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.
- CECCHETTO, F. R. **Violência e Estilos de Masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CECÍLIO, H. P. M.; SANCHES, R. C. N.; RADOVANOVIC, C. A. T.; MARCON, S. S. Percepções de mulheres obesas sobre a sexualidade. **Rev. Min. Enferm.**, v. 18, n. 4, p. 955-960, 2014.
- CERQUEIRA, P. R.; SOUZA, E. M. L. Laclau sexualidades e os corpos: análise das subjetivações ursinas. **Psicol. Soc.**, v.27 (2), p. 267-279, 2015.
- CHARAUDEAU, P., CORRÊA, A. M. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHEN, E. Y.; BROWN, M. Obesity Stigma in Sexual Relationships. **Obesity Research**. v. 13. n. 8. p. 1393-1397, 2005.
- CONNELL, R. “Políticas da masculinidade”. **Educação e Realidade**, v. 2, n. 20, p. 185-206, 1995.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21 (1), p. 241-282, jan./abr. 2013.

CONNELL, R.W. **Masculinities**. Califórnia: University of California Press, 2005;

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional de Psicologia**. CFP. Brasília, p. 20. 2005.

CORBIN, A. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In A. Corbin, J.-J. Courtine & G. Vigarello (Eds.), **História do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 267-343

CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, R. F. da; MACHADO, S. de. C.; CORDAS, T. A. Imagem corporal e comportamento sexual de mulheres obesas com e sem transtorno de compulsão alimentar periódica. **Rev. Psiqu Clin.**, N. 37, v. 1, p. 27-31, 2010.

COSTA, T. G. **A sexualidade na experiência de pessoas gordas: Análise qualitativa sobre relatos de universitários (as)**. 2021.

COURTINE, J.J. O corpo anormal – História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do Corpo: 3. As mutações do olhar**. O século XX. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 253-340.

DAMATTA, R. Tem pente aí? In: D Caldas (org.). **Homens**. Editora Senac, São Paulo, 1997. p. 31-49.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

DEFENDI, E. L. Ser um jovem gay afeminado na comunidade LGBT. In: **ENSAIOS SOBRE MASCULINIDADES NA ATUALIDADE**, 2022. p. 65-76.

DE LIMA, Marcela Cordeiro Felix. Relacionamento amoroso: gênero e socialização sexual no mundo contemporâneo1. **ENSAIOS SOBRE MASCULINIDADES NA ATUALIDADE**, p. 51, 2022.

DENZIN, N; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa da pesquisa qualitativa In: _____. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006.

FACHIM, Felipe Luis. **Narrativas sobre o (meu) corpo gordo: Estudo autoetnográfico rumo a uma Psicologia Gorda**. 2022. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – PUC-SP. São Paulo – SP, 2022.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4825641/mod_resource/content/1/50263-Texto%20do%20artigo-62159-1-10-20130121.pdf

FERREIRA, M. E. C.; CASTRO, A. P. A.; GOMES, G. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 1, 2008.

FIGUEIROA, N. L. Pornografia com mulheres gordas: o regime erótico dos corpos dissonante. *Pensata*. São Paulo: **Unifesp**, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em <http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/wp-content/uploads/2012/06/Fa%C3%A7a-downloadarevista-pdf.pdf>. Acesso em: 25 de nov. 2020.

FLAUAUS, V. M. et al. **Ursos, filhotes e caçadores: cultura, identidade e virilidade “Bear” paulista**. 2019.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

FONTES, O. A.; BORELLI, F. C.; CASOTTI, L. M. Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza. **REAd**, 72(2), 400-432, 2012.

FOUCAULT, M. **Aula de 17 de março de 1976**. Em defesa da sociedade. Tradução Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, p. 285-315, 2005.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de M. T. d. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque – 11ª ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução Raquel Ramallete. 42. Ed. Petrópolis, RJ; vozes, 2014.

FRANCISCO, A. H. S. “Homem não fala sobre vida sexual!”: iniciações, violências e outros apontamentos masculinos sobre sexo e sexualidade. **1RBSH**, 32(1); 99-102, 2021.

GAGNON, J. H. **Uma Interpretação do Desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GAILEY, J. A. Fat Shame to Fat Pride: Fat Women's Sexual and Dating Experiences. **Fat Studies**, n. 1, v. 1, 2012. p. 114 -127.

GAUTÉRIO, C. R. M.; SILVA, M. R. S. As diferentes vozes das mulheres do grupo colmeia: o corpo gordo feminino. **Revista didática Sistêmica**, n. 16, v. 1, 2014. p. 21-33.

GOFFMAN, E. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. **Rio de Janeiro: Guanabara**, 1988.

GOFFMAN, E. **Gender Advertisements**. New York: Harper and Row Publishers, 1979.

GOLDENBERG, M. O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In: M Goldenberg (org.). **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2000. p. 13-39.

GOMES, R. A sexualidade masculina em foco. In: GOMES, R., (Org). **Saúde do homem em debate** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, pp. 145-156, 2011.

GOMES, R. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, p. 825-829, 2003.

GOMES, R. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2008.

GÓMEZ, C. H. **Hombres que ya no hacen sufrir por amor: Transformando las masculinidades**. Los libros de la Catarata, 2019.

GROSSI, M. P. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, 75: 1-37, 2004.

GUBERT, D.; MADUREIRA, VSF. Iniciação sexual de adolescentes homens. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13 suplemento 2, p. 2247–2256, dez. 2008

HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Estudos feministas**, Florianópolis, n. 14, v. 01, p. 43-59, 2006.

HEILBORN, M. L. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: HEILBORN, M. L. et al. (Orgs.) **O Aprendizado da Sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond, Editora Fiocruz, 2006.

JANUÁRIO S. B. **Masculinidades em (re)construção: gênero, corpo e publicidade**. Covilhã: LabCom.IFP; 2016.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea–ECCO) – Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Cuiabá, MT, Brasil, 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Pd. Prazeres dissidentes: pornografia gorda nas redes digitais. **COnline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 31, p. 15-15, 2020b.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 144-161, 2020c.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa; ARRUDA, Agnes de Sousa; SILVA, Marcelle Jacinto. FEMINISMO GORDO: epistemologias, saúde e mídia. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. João Pessoa, v. 1, n. 28, p. 38-64, jan./jun. 2022.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa et al. Possibilidades em Pesquisa Gorda: Estratégias de (Re) existências na Produção de Saberes Fora do Eixo. **Revista Fermentario**, v. 16, n. 1, p. 23-41, 2022.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, p. 103-117, 1998.

- KIMMEL, M. S. **The Gendered Society**. Oxford, Oxford University Press, 2013.
- KORIN, D. Nuevas perspectivas de gênero em salud. **Adolescência latino-americana**, 2(2): 67-79, 2001.
- KULICK, D. Pornô. **Cadernos pagu**, v. 38, p. 223 – 240, p. 2012.
- LAQUEUR, T. **Making sex: body and gender from the Greeks to Freud**. Londres: Harvard University Press, 1990.
- LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o excêntrico. In:
- LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo gênero e sexualidade um debate contemporâneo da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 41-52, 2003.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 2018b.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, p. 07- 42, 2019.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Autêntica, 2018a.
- LUPTON, D. **Fat Politics: Collected Writings**. Sydney: University of Sydney, 2013.
- MACEDO, T. T. S. et al. Percepção de pessoas obesas sobre seu corpo. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. Bahia, 2015.
- MACHADO, L. Z. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, M. R. (Org) **Masculinidades**. São Paulo, Santa Cruz do Sul: Bointempo, Edunisc, 2004.
- MAIA, A. C. B. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Psicopedagogia On Line**, 2010.
- MAIA, A. C. B. **Inclusão e sexualidade na voz de pessoas com deficiência física**. Curitiba: Juruá, 186p., 2011.
- MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. Processo de educação e repressão sexual. In: _____. (Orgs.). **Sexualidade e infância**. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, p. 47-66, 2005.
- MALCHER, L. F. S. Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém. **Revista Gênero**, v. 3, n. 1, p. 63-81, 2002.
- MATTOS, R. S. Sou gordo, sou anormal? **Arquivos em Movimento [Internet]**, v. 3, n. 2, 2007.

MATTOS, R.; LUZ, M. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 2, p. 489-507, 2009.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, Ettore Stefani. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivos-sexualmente com homens: te (n) sões entre masculinidades no aplicativo Grindr**. Dissertação (mestrado em comunicação social), f157. 2018.

MEDRADO B.; LYRA J.; AZEVEDO M.; BRASILINO J.; organizadores. **Homens e Masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Recife: Instituto PAPAÍ; 2010.

MEDRADO, B.; LYRA, J.. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 809–840, set. 2008.

MEIRELLES, V. M. Masculinidades, gênero e dinheiro. **ENSAIOS SOBRE MASCULINIDADES NA ATUALIDADE**, p. 115-128, 2022.

MINAYO, M.; C.; S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n.3, p. 621-626, 2012.

MINAYO. M. C. S. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência e Saúde Coletiva**, 10(1): 23-26, 2005.

MISSAGGIA, J. O conceito husserliano de corpo: Sua Dualidade e função nas experiências perceptivas. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 8, n. 3, p. 196-208, 2017.

MODESTO, Lucas de Almeida.; TELES, Tony Anderson Xavier.; RIBEIRO, Gabriela Di Paula Dias.; ALVARENGA, Eric Campos. Gordofobia e suas reverberações na saúde mental e no autocuidado de pessoas gordas. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC**, v.6, n.3, p. 530-549, 2023.

NERY, J. D. O. Gordofobia: discursos e estratégias de empoderamento de mulheres gordas ao preconceito. **Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da UNI7**, 1-21, 2017.

NEVES, A. S.; MENDONÇA, A. L. O. Alterações na identidade social do obeso: do estigma ao fatpride. **Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 9, n. 3, p. 619-631, 2014.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1995.

NOLASCO, S. Um “homem de verdade”, pp. 13-29. In: D Caldas (org.). **Homens**. Editora Senac, São Paulo, 1997.

NOVAIS, F. L. M.; MACHADO, P. S. Racializando as discussões sobre diversidade corporal e movimentos anti-gordofobia. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Obesidad y sobrepeso. **Organización Mundial de la Salud**, 2020.

OLIVEIRA, J. M.; AMÂNCIO, L. **Gêneros e Sexualidades: intersecções e tangentes**. Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL), 2017.

OLIVEIRA, P. P. de. **A construção social da masculinidade**. Editora UFMG, 2004.

OLIVEIRA-SILVA, M. **Corpo, Cultura e Obesidade: Corpo, cultura e obesidade: Desenvolvimento de Posicionamentos Dinâmicos de Si em Mulheres Submetidas à Gastroplastia**. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 212p. 2017.

OSWALD, F.; CHAMPION, A.; PEDERSEN, C. L. The Influence of Body Shape on Impressions of Sexual Traits. **The Journal of Sex Research**, 2020.

PAIM, M. B.; KOVALESKI, D. F. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 1-12, 2020.

PARKER, R. Bodies, pleasures, and passions: sexual culture in contemporary Brazil, Second Edition. Nashville: Vanderbilt University Press, 2009.

PARKER, R. G. **Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PATIAS, N. D.; VON HOHENDORFF, J. CRITÉRIOS DE QUALIDADE PARA ARTIGOS DE PESQUISA QUALITATIVA. **Psicologia em Estudo**, v. 24, 21 nov. 2019.

PEREIRA, B. B.; OLIVEIRA P. P.; Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. In: **Divisão Temática de Comunicação Audiovisual da Intercom Júnior XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação**. São Paulo, 2016.

PETERSEN, A. **Unmasking the Masculine: “Men” and “Identity” in a Sceptical Age**. London: Sage, 1998.

PETROSKI, E.L.; PELEGRINI, A.; GLANER, M.F. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.17, n.4, p.1071-2077, 2012.

PINHO, O. Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em salvador. **Estudos Feministas**, 13(1): 127-145, 2005.

PÍÑEYRO, M. **Stop Gordofobia y las panzas subversas**. Málaga: Zambra y Baladre, 2016.

PITOMBO, José Andressa Fragoso. EPÍSTOLAS CORPULENTAS: A ESCRITA DE SI COMO DISPOSITIVO DE CUIDADO. In: **Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte**. Anais...Rio de Janeiro (RJ) UFRJ, 2022.

POULAIN, J.P. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

QUEIROZ, T. C. G. **“Homem não fala sobre vida sexual!”: iniciações, violências e outros apontamentos masculinos sobre sexo e sexualidade**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

RANGEL, N. F. A. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de Significados**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

RAMOS, M. S. Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade, pp. 41-59. In M Goldenberg (org.). **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2000.

RAPOSO, L. C. **Antigordofobia em perspectiva decolonial**. Resista! Observatório de Resistências Plurais. Publicado em 17 de novembro de 2020.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**. 3. ed. [S.l.]: Atlas, 2006. p. 72-97.

REZENDE, R., & COTTA, D. «Não Curto Afeminado»: Homofobia e Misoginia em Redes Geossociais Homoafetivas e os Novos Usos da Cidade. **Contemporanea Comunicação e Cultura**, 13(2), 348–365, 2015.

RIBEIRO, P. R. M. A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In.: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Org.). **Sexualidade e infância**. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, p.17-32, 2005.

SANT’ANNA, D. B. de. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANTOLIN, C. B.; RIGO, L. C. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 81-94, 2015.

SANTOS, Renata Argolo dos. Desconstruindo Rasputia: Racismo, Sexismo E Gordofobia Através Da Reprodução de Imagens de Controle No Filme Norbit... In: **Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte**. Anais...Rio de Janeiro (RJ) UFRJ, 2022.

SANTOS, R. A. **Somos Muitas: Uma Análise Interseccional das Vivências de Mulheres Gordas**. 2021. 135f. Monografia (Bacharelado em ciências sociais) UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Cachoeira, Bahia, 2021.

SCHMIDT, Luiz Fernando et al. **BDSM Brasil: Histórias fetichistas reais**. 2022.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Paco Editorial, 2016.

SILVA, A.G.G. **Imagem corporal, conjugalidade e sexualidade: estudo comparativo entre mulheres com sobrepeso/obesas e não obesas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Psicologia Clínica e Saúde) - Universidade do Algarve, Algarve, 136p. 2012.

SILVA, B. L.; CANTISANI, J. R. Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição: um debate necessário. **Demetra**, v. 13, n. 2, p. 363-380, 2018.

SILVA, B. M.; RÊGO, L. M.; GALVÃO, M. A.; FLORÊNCIO, T. M. M. T.; CAVALCANTE, J. C. Incidência de disfunção sexual em pacientes com obesidade e sobrepeso. **Rev. Col. Bras.**, v. 3, n. 40, p. 196-202, 2012.

STERN, C. *et al.* **Masculinidad y salud sexual y reproductiva: um estudio de caso com adolescentes de la Ciudad de México**. Salud Pública de México, 45(supl.1): 534-543, 2003.
STRINGS, S. *Fearing the Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia*. New York: New York University Press, 2019.

TOVAR, V. **Fat Men Are A Feminist Issue**. Virgie Tovar, 06 de Set. de 2013. Disponível em: <https://www.virgietovar.com/blog/fat-men-are-a-feminist-issue>.

TOVAR, V. **Meu corpo, minhas medidas**. Tradução: Mabi Cosa, São Paulo: Primavera Editorial, 2018.

TRUZZOLI, C. **El Sexo Bajo Sospecha: realidade y prejuicios**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2003.

TURNER, B. S. **The body and society**. Oxford: Basil Blackwell, 1984.

TURNER, T. Corpos e anticorpos: carne e fetiche na teoria social contemporânea. **Corporificação e experiência: o fundamento existencial da cultura e do eu**, v. 2, p. 27, 1994.

VANCE, C. "Social construction theory: problems in the history of sexuality". In A. Van Kooten Niekerk e T. van der Meer (orgs.), **Homosexuality, which homosexuality**. Londres: GMP Publishers, 1989.

VIEIRA JÚNIOR, E. Desejos carnudos: corpos gordos, háptico e pornô gay amador. **Revista de Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual**, n. 17, p. 479 – 498, 2018.

VIGARELLO, G. *Metamorfoses do Gordo: História da Obesidade no Ocidente: da Idade Média ao Século XX*. Tradução: Marcus Penchel, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

VIGITEL. **Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico** Ministério da Saúde. Brasília, p. 131. 2019.

VIGOYA, M. V. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WEEKS, J. **Sexuality and its discontents: meanings, myths and modern sexualities**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1985.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, 2: 460-482, 2001.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, M.R. **Masculinidades**. São Paulo, Santa Cruz do Sul: Boitempo Editorial, Edunisc, 2004.

WHITAKER, D. C. A. Menino – Menina: sexo ou gênero? Alguns aspectos cruciais. In: SERBINO, R. V. (Org.) **A escola e seus alunos estudos sobre a diversidade cultural**. São Paulo, Unesp, 1995, pp. 31-52.

WHITAKER, D. **Mulher & Homem - o mito da desigualdade**. 10a ed. São Paulo: Editora Moderna, 1988.

WHITESEL, J. A. **Fat gay man: girth, mirth and the politics of stigma**. New York e Londres: New York University Press, 2014.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZANELLO, V. **Saúde mental e seus dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Editora Appris, 301p. 2018.

APÊNDICE A – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	
IDADE:	NACIONALIDADE:
CIDADE/BAIRRO QUE RESIDE ATUALMENTE:	AUTODECLARAÇÃO RAÇA/ETNIA:
ESTADO CIVIL:	ORIENTAÇÃO SEXUAL:
PROFISSÃO:	ESCOLARIDADE:
OCUPAÇÃO:	RENDA MENSAL (EM SALÁRIOS-MÍNIMOS): <input type="checkbox"/> ATÉ UM SALÁRIO MÍNIMO <input type="checkbox"/> ENTRE UM E DOIS SALÁRIOS <input type="checkbox"/> ACIMA DE TRÊS SALÁRIOS MÍNIMOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Quando você se reconheceu como uma pessoa gorda? Como foi essa experiência?
2. Você considera que já vivenciou gordofobia em algum momento na vida? Se sim, onde foi? Quem o fez? Como foi sua experiência?
3. Já viveu alguma situação que causou constrangimento por ser gordo (a)? Se sim, qual? Houve reverberações? Quais?
4. O que é ser homem ou a masculinidade para você?
5. Em algum momento já questionaram sua masculinidade pelo seu corpo?
6. Você já vivenciou experiências amorosas ou sexuais negativas relacionadas a seu corpo ou peso?
7. Já fizeram piadas sobre o seu desempenho sexual devido seu corpo ou peso?
8. Você já se sentiu que recebeu rejeição em relacionamento amoroso por ser um homem gordo?

9. Como você se sente em relação a sua aparência física?
10. O que você faz para lidar com as questões da gordofobia?
11. Existe algo que não foi conversado por nós e você gostaria de dizer? Se sim, o quê?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA MESTRADO EM PSICOLOGIA</p>	
---	---	---

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa acadêmica que tem como título **“GORDURA NÃO É COISA DE MACHO”: REVERBERAÇÕES DA GORDOFOBIA NAS MASCULINIDADES DE HOMENS GORDOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM**. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós. Serão disponibilizadas duas vias deste termo, nas quais deverão conter as assinaturas do participante e do pesquisador.

O objetivo da presente pesquisa é **analisar como a gordofobia afeta as masculinidades de homens gordos na região metropolitana de Belém**. Você está sendo convidado porque possui o perfil de colaborador foi indicado a participar ou demonstrou interesse a partir chamada pública.

A pesquisa será realizada em local indicado por você, colaborador, pensando nas limitações de deslocamento, também havendo a possibilidade de optar pela modalidade virtual, caso seja sua preferência e você possua equipamentos adequados para tal. Sua participação é voluntária, sendo sua entrada e saída possível a qualquer tempo. A coleta dos dados será realizada por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são os de terem seus dados pessoais acessados por terceiros, o que será minimizado pelo manuseio exclusivo dos dados pelos pesquisadores, sendo assegurado o sigilo e privacidade das informações obtidas. Outro possível risco é você se sentir emocionalmente abalado com a entrevista, caso isso ocorra o pesquisador principal deste estudo responsabiliza-se por ofertar uma escuta clínica inicial e, em seguida, vai encaminhá-lo(a) para serviços públicos de saúde mental e/ou para a própria Clínica Escola de Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Se você aceitar participar, estará concedendo permissão para: gravação da entrevista, utilização dos dados coletados para a concretização da pesquisa, tendo como objeto final a dissertação de mestrado, bem como sua defesa.

Todo material e informações coletadas durante a pesquisa serão utilizados somente para a mesma e ficarão na posse do pesquisador principal por um período legal de cinco anos, sendo incinerados após esse período. Você tem garantido a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Você poderá receber a devolutiva sobre os resultados parciais e finais obtidos, caso deseje.

Você receberá uma cópia deste termo, a qual consta os contatos das pesquisadoras, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sobre a sua participação, agora ou a qualquer momento. Em caso de necessidade, você também poderá solicitar informações sobre a pesquisa na Universidade Federal do Pará (UFPA) no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP), Rua Augusto Corrêa, nº 01, CEP 66075-900, bairro Guamá, Belém, Pará.

Este trabalho será realizado com recursos próprios dos autores. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira, reforça-se que sua participação é voluntária.

Os resultados da pesquisa ficarão à sua disposição quando finalizada. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se dirigir aos pesquisadores responsáveis.

O pesquisador principal Lucas de Almeida Modesto, CRP-10/08307 e-mail: psilucasmodesto@gmail.com, CPF: 028.049.682-60, informa que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA) – Faculdade de Enfermagem/ ICS - Sala 13 - Campus Universitário do Guamá, nº 01, Guamá – CEP: 66075-110 - Belém-Pará. Tel./Fax. 3201-7735 E-mail: cepccs@ufpa.br. Se necessário, pode-se entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, portador do documento de identidade nº _____, considero-me informada sobre a pesquisa “‘gordura não é coisa de macho’: reverberações da gordofobia nas masculinidades de homens gordos na região metropolitana de Belém”, e do seu objetivo de analisar como a gordofobia

afeta as masculinidades de homens gordos na região metropolitana de Belém, ciente de seus riscos e benefícios. Declaro que aceito participar da mesma, por minha livre vontade, sendo colaborador na coleta de dados. Autorizo a gravação ciente de que irei responder a uma entrevista, permitindo que os dados sejam utilizados para chegar aos objetivos desta pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

() desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Belém, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do Participante

Lucas de Almeida Modesto
Pesquisador/Psicólogo
CRP 10/08307

DEMAIS PESQUISADORES(AS)

NOME	FUNÇÃO NO PROJETO	EMAIL
Prof. Dr. Eric Campos Alvarenga	Orientador	ericsemk@gmail.com
Profa. Dra. Maria Lúcia Chaves Lima	Coorientadora	marialuciacl@gmail.com